



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS EAD

Neilsa dos Prazeres Moreira Malafaia Silvestre

Recife

2024

Neilsa dos Prazeres Moreira Malafaia Silvestre

**Uma análise discursiva do *ethos* feminino relativo a mulher negra na obra "A cor da Ternura" de Geni Guimarães**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Letras Português – Licenciatura, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras/Português. Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Lima do Bonfim

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silvestre, Neilsa dos Prazeres Moreira Malafaia.  
Uma análise discursiva do ethos feminino relativo a mulher negra na obra  
"A cor da Ternura" de Geni Guimarães / Neilsa dos Prazeres Moreira Malafaia  
Silvestre. - Recife, 2024.

66

Orientador(a): Marco Antonio Lima do Bonfim  
(Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e  
Comunicação, , 2024.

1. Análise do discurso. 2. Ethos feminino. 3. Racismo antinegro. 4. Luta  
da mulher negra no Brasil. 5. Literatura negra de autoria feminina. I. Bonfim,  
Marco Antonio Lima do . (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras EaD da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras/Português.

Data: 24/10/ 2024

---

Orientador Prof. Dr. Marco Antonio Lima do Bonfim  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Examinadora Profa. Dra. Dayse Cabral Moura  
Universidade Federal de Pernambuco

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho à minha avó **Maria Santana de Jesus Moreira** (in memoriam), a mulher mais forte que conheci, cuja presença em minha vida moldou quem eu sou hoje. Embora a saudade de você seja imensa, sei que, de algum modo, sua força me acompanha em cada passo que dou. Este sonho, que tantas vezes parecia distante, é também seu, e a cada conquista minha, há um pedaço do seu legado. Dedico também aos meus filhos, por me ensinarem a força do amor e da perseverança, e aos meus netos, que me renovam a esperança em um futuro melhor. Este trabalho é para vocês e para todas as gerações que virão, para que saibam que, mesmo diante dos desafios, é possível alcançar nossos sonhos. E por fim, a todas as mulheres negras, que nunca desistem e que fazem do impossível um ponto de partida, dedico com amor e luta.

## **Agradecimentos**

A jornada que me trouxe até aqui é marcada por desafios, resiliência e um profundo desejo de transformação. A cada passo, enfrentei dificuldades que pareciam intransponíveis, mas que me fortaleceram e me trouxeram a este momento. Agradeço, em primeiro lugar, à minha avó, que, mesmo não estando mais presente fisicamente, segue viva em cada lembrança e em cada lição que me deixou. Sua força, coragem e amor me guiaram nos momentos mais difíceis, e sua ausência, embora dolorosa, é também um lembrete constante da minha própria capacidade de resistir e seguir em frente. Agradeço, a Deus, aos orixás e mentores espirituais, sou profundamente grata pelo apoio que recebi durante todo o processo de elaboração deste trabalho. Aos meus filhos, que nasceram quando eu ainda estava descobrindo a vida, vocês me ensinaram o verdadeiro significado de perseverança e amor incondicional, as minhas noras que me apoiaram da forma que estava ao seu alcance, e aos meus netos que fazem meus dias mais doces. Hoje, como avó, entendo mais profundamente o ciclo da vida e a importância de cada conquista, grande ou pequena. Este momento também é de vocês, que sempre foram minha maior inspiração para nunca desistir, mesmo quando o caminho parecia árduo.

Agradeço à Universidade, aos professores e colegas, que, com suas contribuições e apoio, me ajudaram a construir esta pesquisa e a acreditar no meu potencial. Agradeço ao meu orientador, prof. Dr. Marco Bonfim por todo o apoio e orientação que me ofereceu durante este processo. Suas contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo, e sou grata pela oportunidade de aprender e crescer sob sua orientação. Agradeço também a profa. Dra. Dayse Moura, por ter aceito estar na banca examinadora e pelas valiosas contribuições. Às amigas e amigos que estiveram ao meu lado, com palavras de incentivo e abraços calorosos, minha gratidão eterna.

Por fim, dedico este trabalho a todas as mulheres negras que, como eu, carregam nas costas o peso da resistência e, ao mesmo tempo, o brilho da vitória. Que possamos seguir firmes, construindo caminhos de luta, aprendizado e superação.

## **Resumo**

Esta monografia teve como objetivo investigar a conexão entre linguagem e racismo no discurso literário através da análise discursiva da manifestação do *ethos* referente a mulher negra brasileira na obra “A Cor da Ternura” de Geni Guimarães. Através de uma abordagem qualitativa e interpretativa, investigamos como a protagonista negra projeta sua identidade em um contexto de opressão racial e de gênero. Utilizando os conceitos da análise do discurso de Dominique Maingueneau (2004, 2006), em especial os conceitos de *ethos* e cenografia, a pesquisa revelou como o discurso literário constitui e é constituído pelo racismo que oprime a mulher negra. A análise também se fundamenta em teorias feministas negras e estudos sobre racismo estrutural, oferecendo uma leitura interseccional que destaca as formas de resistência e presente na narrativa. Concluimos que a linguagem enquanto discurso pode ser utilizada para desnaturalizar as opressões e construir um espaço de resistência para as mulheres negras.

**Palavras-chave:** Ethos feminino; Racismo antinegro; Análise do discurso; Literatura negra de autoria feminina.

## **Abstract**

This monograph aims to conduct a discursive analysis of the female ethos in Geni Guimarães' \*A Cor da Ternura\*, focusing on language, anti-Black racism, and survival. Through a qualitative and interpretative approach, we investigate how the Black female protagonist constructs her identity within a context of racial and gender oppression. Drawing on Dominique Maingueneau (2004, 2006), concepts of discourse analysis, particularly *ethos* and scenography, the research reveals how literary discourse reflects and challenges the social structures that marginalize Black women. The analysis also relies on Black feminist theories and studies on structural racism, providing an intersectional reading that highlights the forms of resistance and survival portrayed in the narrative. This monograph contributes to literary studies by demonstrating how language can be used to challenge oppression and create a space of resistance for Black women.

**Keywords:** female ethos, anti-Black racism, discourse analysis, Geni Guimarães, survival, Black feminism.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. A LITERATURA NEGRA DE AUTORIA FEMININA E RACISMO ESTRUTURAL NO BRASIL.....</b>	<b>11</b>
2.1. Geni Guimarães e sua obra.....	21
2.2. Raça, racismo estrutural e a luta da mulher negra no Brasil.....	23
<b>3. A ANÁLISE DE DISCURSO (AD).....</b>	<b>31</b>
3.1. O campo da análise do discurso.....	31
3.2. A análise do discurso de Dominique Maingueneau.....	33
3.3. Os conceitos de <i>ethos</i> discursivo e cenografia no discurso literário.....	35
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>38</b>
4.1. Seleção do <i>corpus</i> .....	39
4.2. Procedimentos de análise.....	40
4.3. Os procedimentos analíticos.....	40
<b>5. LINGUAGEM E RACISMO EM “A COR DA TERNURA”: ETHOS, CENOGRAFIA E RAÇA NO DISCURSO LITERÁRIO.....</b>	<b>42</b>
5.1 Contexto histórico do 13 de maio de 1888.....	43
5.2 Limitações e consequências da Lei Áurea.....	44
5.3 Implicações para a construção do <i>ethos</i> discursivo.....	45
5.4 Racismo e autoestima: A luta interna da protagonista.....	50
5.5 A Educação como ferramenta de superação.....	54
5.6 O triunfo e o reconhecimento.....	56
5.7 A transformação do <i>ethos</i> e a conexão com a negritude.....	59
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>63</b>

## INTRODUÇÃO

Esta monografia teve por objetivo geral estudar a conexão entre linguagem e racismo no discurso literário através da análise discursiva da manifestação do *ethos* referente a mulher negra brasileira em “A cor da ternura”. Nossos objetivos específicos foram a) verificar de que forma a cenografia constituinte do discurso literário na obra em foco interpela a protagonista negra em suas práticas de resistência ao racismo; b) identificar os aspectos linguístico-discursivos constituintes do *ethos* feminino negro na referida obra literária; c) Analisar como a projeção de imagens de si por meio do *ethos* materializa, no discurso literário, formas de enfrentamento ao racismo de modo a contemplar o que preconiza a Lei Federal 10.639/2003.

A análise discursiva da manifestação do *ethos* da mulher negra brasileira no discurso literário pode revelar como a linguagem é utilizada para resistir ao racismo e construir uma cultura de sobrevivência, evidenciando a conexão entre linguagem, identidade, racismo e resistência. Baseando-se na premissa de que a literatura pode ser um espaço onde as experiências das mulheres negras podem ser expressas e analisadas de maneira profunda. Ao focar na manifestação do *ethos*, a pesquisa explorou como a identidade e os posicionamentos discursivos das mulheres negras são construídos e representados no discurso literário. Além disso, a análise discursiva permitiu investigar como a linguagem é usada tanto para resistir às opressões raciais quanto para criar e manter uma cultura de resistência. A relevância deste estudo reside, por um lado, na vontade de apresentar a linguagem enquanto constitutiva das estruturas de poder que perpetuam o racismo antinegro. A escolha de “A Cor da Ternura”, de Geni Guimarães, para a minha monografia vai além de uma necessidade acadêmica; é uma necessidade de dar voz à minha própria história e às histórias de tantas outras mulheres negras, e reflete minha trajetória enquanto estudante negra e mulher, crescida em um contexto de recursos financeiros limitados.

Assim, ao escolher Geni Guimarães, me aproprio de uma narrativa em que ecoa minha própria trajetória e as trajetórias de muitas outras mulheres que enfrentam desafios semelhantes. A obra citada aborda a complexidade da experiência negra, trazendo à tona questões de raça, gênero e classe social. Sua escrita é uma janela para a realidade de mulheres negras que, como eu, enfrentam

desafios diários, lutando contra o racismo e as desigualdades sociais. Nesse estudo, a literatura é concebida como uma ferramenta poderosa para refletirmos sobre as injustiças e desigualdades que ainda enfrentamos.

Tivemos como embasamento teórico a análise de discurso proposta por Maingueneau (2004, 2006). Segundo ele, os enunciados suscitam a adesão do leitor por através de um modo de dizer que também é um modo de ser.

A monografia está organizada em cinco capítulos. No capítulo 1 realizamos a apresentação do trabalho. No capítulo 2 realizamos uma discussão sobre a literatura negra de autoria feminina e racismo estrutural no Brasil. No capítulo 3 realizamos a fundamentação teórica; descrevemos o campo da análise do discurso, bem como o conceito de ethos discursivo e cenografia. No capítulo 4, primeiramente, descrevemos como foi realizada a pesquisa, relatando as etapas realizadas. E no capítulo 5 apresentamos a análise em si. E encerramos com as considerações finais.

## **2. A literatura negra de autoria feminina e racismo estrutural no Brasil**

Este capítulo abordará a literatura negra, literatura negra de autoria feminina e racismo estrutural no Brasil.

Cuti,(2010 ) define a literatura negra como uma expressão artística e política que tem como foco a valorização da identidade negra, suas vivências, resistências e subjetividades. Em sua visão, apresentada em 2010, o autor descreve a literatura negra como uma forma de "literatura de combate" que visa combater o racismo e os estereótipos, utilizando a linguagem como instrumento de conscientização e transformação social.

Para Cuti, (2010 ) a literatura negra não se define apenas pela cor de quem escreve, mas pelo compromisso com a temática racial e a representatividade negra. Segundo ele, essa literatura vai além de apenas relatar o sofrimento e a opressão; ela celebra a cultura, história e contribuições do povo negro, oferecendo uma nova perspectiva sobre o que é ser negro no Brasil.

Cuti afirma que essa literatura busca “a construção de um olhar estético e político” sobre a negritude, criando um espaço onde negros possam se ver e se reconhecer de maneira profunda e complexa.

Ainda de acordo com Cuti, (2010).

[..] a produção literária de negros e brancos, abordando as questões inerentes às relações inter-raciais, tem vieses diferentes por conta da subjetividade que a sustenta, em outras palavras, pelo lugar socioideológico de onde esses produzem. (CUTI, 2010, p. 33).

Assim, de acordo com o autor, a literatura negra cumpre um papel fundamental no cenário literário e social, permitindo que autores e autoras negras compartilhem suas experiências e questionem as estruturas de poder, contribuindo para uma sociedade mais consciente e inclusiva.

Os sentimentos mais profundos vividos pelos indivíduos negros são o aporte para a verossimilhança da literatura negro-brasileira. [...] O sujeito étnico negro do discurso enraíza-se, geralmente, no arsenal de memória do escritor negro. E a memória nos oferece não apenas cenas do passado, mas formas de pensar e sentir, além de experiências emocionais. (CUTI, 2010, p. 87, 89).

A literatura negra tem um papel essencial na representação das vivências e perspectivas de autores e autoras negras. Como aponta Cuti, a verossimilhança dessa literatura está profundamente enraizada na memória e nas experiências emocionais dos escritores. Ao trazer à tona os sentimentos e memórias mais íntimos, a literatura negro-brasileira não só proporciona uma voz autêntica e verdadeira às suas narrativas, mas também desafia e reconfigura as estruturas de poder existentes. Dessa forma, ela contribui para uma sociedade mais consciente e inclusiva, onde diferentes experiências e identidades são valorizadas e respeitadas. A força dessa literatura reside na capacidade de transformar memórias em ferramentas de resistência e afirmação, revelando novas formas de pensar, sentir e entender o mundo.

Ainda sobre o que é literatura negra, de acordo com as autoras Fernanda Filiberto e Fernanda Miranda(2023):

[...] "literatura negra": emergência de uma autoria comprometida com a experiência de ser negro e negra no Brasil e toda a sua subjetividade e enfrentamento ao racismo; a constituição de uma comunidade interpretativa que agrega leitores antirracistas e a formação de um público leitor negro, já forjado para esse pacto autoral, na expectativa dessa representatividade em seu momento de escolha da obra; (Felisberto; Miranda, 2023, p. 217).

Nesse sentido, a denominação serve como um meio de dar visibilidade ao discurso e à linguagem, valorizando assim a voz daqueles que, ao longo da história, foram silenciados. Pode ser definida como uma produção literária cujo sujeito da escrita é o autor negro, especialmente em contextos históricos e sociais marcados

pela dominação da cultura branca e pela imigração forçada promovida pelo regime de escravidão, como é o caso do Brasil. Sobre ser negro(a) no Brasil, Rodrigues e Bonfim (2023, p.184), fazem referência a psicanalista Neuza Santos Souza para expressar que :

“ser negro (a) é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas expectativas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em sua potencialidade. (Rodrigues; Bonfim. 2023, p.184)

Ao fazerem referência a psicanalista Neuza Santos Souza, Rodrigues e Bonfim (2023), evidenciam que “a experiência de ser negro (a) envolve uma profunda violência identitária, onde expectativas são confundidas e submetidas a exigências alienantes.” No entanto, essa experiência também carrega a potência do resgate histórico e da recriação de si mesmo. A autora e o autor utilizam essa perspectiva para enfatizar a complexidade da identidade negra, que é marcada tanto pela opressão quanto pela resistência e reconstrução. Ao traçar um paralelo entre as reflexões de Souza e a obra de Guimarães, podemos perceber que ambas as abordagens sublinham a importância do resgate histórico e da recriação identitária como formas de resistência ao racismo.

No Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas, as autoras Felisberto e Miranda (2023) afirmam que:

[...] considera-se autor (a) negro (a) o sujeito empírico negro, inscrito na liberdade de criação,[...]seu universo é de representação é tão aberto quanto sua imaginação.[...] constituído por uma diversidade de corpos,[...]possui graus variados de formação escolar e expressa múltiplos pertencimentos. (Felisberto; Miranda, 2023, p. 217).

As autoras continuam afirmando que: “a literatura negra começa a existir quando o autor, ao refletir sobre sua identidade e experiência como indivíduo de origem negra, aborda e explora essas vivências específicas em sua produção literária” (Felisberto; Miranda (2023, p. 217). Essa afirmação destaca dois aspectos: primeiro, a identidade do autor, que se reconhece como negro; segundo, a introspecção que leva esse autor a explorar e expressar sua vivência. Felisberto e Miranda (2023) refletem sobre essa questão citando quando falam “não basta ser negro e tratar de temática racial: é também assumir uma perspectiva negra”. Nesse sentido, a produção literária negra não apenas representa a voz do autor, mas

também se torna um espaço de resgate da integridade e da humanidade de personagens e narradores negros(as), desafiando e rompendo o ciclo vicioso do racismo, que está enraizado, inclusive, na prática literária.

A estética da escrita de autoria negra é multifacetada e manifesta-se em todos os gêneros, apresenta-se como um campo de resistência e afirmação, onde a subjetividade e a experiência de vida do autor negro são fundamentais para a construção de novas narrativas que buscam não apenas a representação, mas a reivindicação de um espaço digno e visível na literatura e na sociedade como um todo. Ao afirmar sua identidade e compartilhar suas experiências, os autores (as) negros (as) contribuem para uma reavaliação e reconfiguração do cânone literário, promovendo uma verdadeira afirmação da diversidade cultural e da riqueza das narrativas que emergem da vivência negra.

Embora a produção literária negra brasileira tenha se tornado mais visível somente no século XX, com o fortalecimento dos movimentos negros globalmente, ela já estava presente no Brasil desde o século XIX, evidenciada por autores como Luiz Gama que lançou seu primeiro livro em 1859, a coletânea de versos satíricos de nome Primeiras Trovas Burlescas de Getulino e Maria Firmina dos Reis primeira mulher a publicar um romance no Brasil, Úrsula foi lançado em 1859 sendo um precursor da literatura abolicionista brasileira. Um marco significativo para a consolidação da literatura negra no Brasil foi o lançamento dos Cadernos Negros, que foi um dos vários meios de engajamento político da época.

Segundo Miriam Alves (2010)

No final da década de 1970, ocorre um fenômeno: um coletivo de escritores organizados em diversos grupos, [...] com uma escrita no mínimo contundente, abre as trancas, fura as cercas, pula muros e invade o campo literário, para ampliar o território da fala de homens e mulheres negros. Evocando a autodenominação de Literatura Negra, redesenham, pelo menos literariamente, o território das singularidades das falas. Antes desse fato, negros escrevendo textos poéticos ou ficcionais permaneciam incrustados no contexto da "Literatura Brasileira" e vivenciavam a invisibilidade étnica, à qual a população afro-brasileira estava fadada, reforçando assim o mito da "democracia racial". (Alves, 2010, p. 184)

A partir desse grito coletivo, a Literatura Negra no Brasil surgiu rompendo o silêncio e a invisibilidade impostos às vozes afro-brasileiras. Em resposta ao apagamento e ao mito da "democracia racial", reivindicando um espaço onde possam expressar suas experiências, identidades e resistências. Esse movimento abriu caminho para uma nova configuração do campo literário, que passou a

acolher, com maior profundidade, as singularidades das vozes negras e suas lutas históricas.

As publicações dos Cadernos Negros visavam, sobretudo, promover o autorreconhecimento, a conscientização política e a luta pelo acesso da população negra à educação e aos bens culturais.

Foi nesse contexto de efervescência intelectual e resistência cultural que a escrita negra de autoria feminina brasileira começou a ganhar destaque. As mulheres negras, que até então eram marginalizadas tanto no âmbito social quanto literário, começaram a utilizar a literatura como uma forma de expressar suas experiências únicas, suas dores e conquistas, e de reivindicar seu espaço na sociedade. Essa nova onda literária trouxe à tona não apenas debates sobre raça, mas também sobre gênero e identidade, marcando uma nova era na literatura brasileira.

De acordo com a autora Miriam Alves (2010)

Ser mulher e escritora no Brasil é romper com o silêncio, a “não-fala” e transpor os espaços que definem procederes e funções preestabelecidas. Ser mulher escritora no Brasil é ultrapassar os limites do “do lar”, onde a mulher foi confinada, com o propósito de proteção do contato (contágio) externo. Ser mulher escritora no Brasil é também dispensar a mediação da fala do desejo delegado e exercida em última instância pelo homem investido do poder “falocrático”. Contra a situação de injustiça, submissão e abuso diverso desfavorável à mulher, o feminismo vem bradando há muitos séculos. (Alves, 2010, p. 183)

Nesse sentido, a autora reflete sobre o desafio e a resistência da mulher escritora no Brasil, marcados por séculos de silenciamento e marginalização. Ser mulher e escritora, segundo Miriam Alves, é, antes de tudo, romper com o silêncio imposto pela sociedade patriarcal e transgredir os limites que historicamente definiram o papel da mulher como confinada ao espaço doméstico, ao “lar”, onde sua presença era vista como uma forma de proteção contra os perigos do mundo exterior. Este “lar” não é apenas físico, mas simbólico, um espaço onde o desejo e a fala da mulher são controlados e subjugados pela mediação do poder masculino, que, por meio do sistema falocrático, exerce o domínio sobre o discurso e a autorrepresentação feminina.

Alves destaca que a mulher escritora deve desafiar esse regime de subordinação ao se libertar da “não-fala”, uma condição em que suas experiências, desejos e narrativas são silenciados ou apropriados pela voz masculina. A escrita,

então, emerge como uma prática de resistência, um meio de transpor fronteiras e criar novas possibilidades de representação para a mulher, ao mesmo tempo em que se inscreve em um movimento de enfrentamento das desigualdades estruturais, da injustiça e da violência histórica contra as mulheres.

Esse desafio não é apenas uma questão individual, mas faz parte de um movimento coletivo, especialmente no contexto do feminismo negro, que tem sido crucial para a denúncia das múltiplas formas de opressão e para a afirmação da autonomia feminina. No Brasil, como em outras sociedades, a mulher escritora, ao conquistar seu lugar na literatura, está também reivindicando seu direito à voz, à autoria e à visibilidade, resistindo a um sistema que por tanto tempo lhe negou essas prerrogativas. Em última instância, a escrita feminina torna-se um ato de afirmação de existência e de resistência, um meio de reconfigurar o poder e a representação na sociedade, e de afirmar que a mulher tem o direito não apenas de ser ouvida, mas de ser agente de sua própria narrativa.

Dessa maneira, a luta pela escrita feminina no Brasil, como nos ensina Miriam Alves, está intimamente ligada ao movimento feminista, que ao longo dos séculos tem se mostrado essencial para garantir que as mulheres, em sua diversidade, possam se expressar, criar e ocupar os espaços que foram historicamente negados a elas. A voz feminina, portanto, é um território de disputa e afirmação, e o feminismo continua sendo um pilar fundamental na busca pela liberdade de expressão e criação das mulheres.

A luta das escritoras negras contra o racismo reflete uma marginalização dupla, que se configura no entrelaçamento das opressões racial e de gênero. A interseccionalidade dessa experiência é fundamental para compreender as barreiras profundas e múltiplas que essas mulheres enfrentam, uma vez que não apenas a cor da pele, mas também a condição de gênero, define o lugar que elas ocupam — ou melhor, o lugar que lhes é imposto — na sociedade e na literatura. O racismo estrutural não apenas silencia suas vozes, mas também desvaloriza suas produções literárias e intelectuais, perpetuando um ciclo de invisibilidade e subordinação.

Ao longo da história da literatura brasileira, muitas escritoras foram sistematicamente excluídas dos espaços de produção e reconhecimento literário, justamente por suas obras não se adequarem ao padrão estético e literário dominante. Nesse cenário, as escritoras negras enfrentaram um duplo apagamento: o da cor e o do gênero, refletido na marginalização de suas vozes e na

desvalorização de suas narrativas. A pesquisadora Nilma Gomes (2003), em suas reflexões sobre a questão racial e o papel da educação na escrita feminina, destaca que, no século XIX, muitas mulheres foram afastadas do sistema educacional formal, resultando em altas taxas de analfabetismo entre elas ao final desse período. Essa exclusão educacional dificultou ainda mais o acesso das mulheres, e especialmente das mulheres negras, à produção literária, perpetuando sua ausência nos círculos intelectuais e culturais da época.

Com o tempo, no entanto, as mulheres começaram a conquistar maior autonomia e emancipação, e suas produções começaram a ganhar visibilidade na imprensa, especialmente em revistas femininas e religiosas. Nesse contexto, Gomes observa que “[...] o avanço da escrita feminina foi favorecido pela crítica às obras literárias, confessionais e canônicas” (Gomes, 2003, p. 5). A escrita passou, assim, a ser uma ferramenta de resistência, um meio pelo qual as mulheres podiam escapar da realidade opressiva e dar vazão aos seus anseios, medos e críticas ao sistema patriarcal que as subjugava.

Entretanto, embora a visibilidade das escritoras negras tenha aumentado nas últimas décadas, elas ainda não são amplamente incluídas nos livros didáticos e currículos escolares. Consequência de uma tradição literária brasileira que, historicamente, privilegiou padrões estéticos e temáticas dominadas pela visão eurocêntrica e elitista. A literatura brasileira, ao longo de sua história, tem valorizado predominantemente obras que refletem a perspectiva da classe dominante, contribuindo para a sub-representação das vozes negras e para a perpetuação de uma narrativa homogênea e excludente na história literária oficial.

Portanto, a ausência das escritoras negras no cânone literário brasileiro não é apenas um reflexo de uma escolha estética, mas de uma estrutura de poder que, desde o período colonial, exclui e silencia as vozes marginalizadas. Esse processo de exclusão não diz respeito apenas ao reconhecimento de um grupo específico, mas ao próprio reconhecimento da pluralidade e da diversidade cultural que constitui a literatura brasileira. A luta das escritoras negras pela visibilidade e pelo reconhecimento de suas produções continua sendo uma questão central na construção de uma literatura verdadeiramente inclusiva e representativa da complexidade do Brasil.

Na literatura brasileira, as mulheres negras historicamente raramente ocuparam papéis de destaque, sendo frequentemente retratadas como personagens

secundárias, escravas ou, ainda, sexualizadas, com a função de servir aos senhores brancos. Essas representações, em sua maioria reducionistas e estigmatizantes, perpetuaram estereótipos que restringem a complexidade e a humanidade dessas mulheres, posicionando-as sempre à margem das narrativas dominantes. A literatura negra feminina surge, então, como um movimento de resistência e transformação, rompendo com esses estereótipos e propondo novas histórias e novos olhares, por meio de novas vozes. Através dessa escrita, busca-se desconstruir os lugares de opressão racial e de gênero que marcaram e ainda marcam a experiência das mulheres negras no Brasil, oferecendo-lhes, enfim, a possibilidade de uma enunciação própria, onde antes havia o silêncio.

A escritora negra, ao se afirmar como protagonista de suas próprias histórias, dá voz a personagens que, até então, eram historicamente marginalizados e silenciados. Nesse processo de autoafirmação e ressignificação, a literatura negra feminina não apenas narra experiências pessoais, mas também desafia e subverte as narrativas hegemônicas que tendem a relegar as mulheres negras ao papel de "objeto", "outro" ou "passiva". A crítica literária Maria Anória (2000-2007) discute precisamente como essas autoras negras recontam suas próprias histórias e as histórias de suas comunidades, desconstruindo as estruturas de opressão racial e de gênero. Para Anória, esse movimento literário é fundamental para a construção de identidades mais complexas e plurais, que rompem com a ideia de uma identidade única e homogênea para as mulheres negras.

Anória também destaca que, ao desconstruir a opressão racial e de gênero, a literatura negra feminina não se limita a ser uma simples expressão artística, mas se configura como um ato de resistência. Nesse sentido, refletir sobre a escrita negra de autoria feminina é, acima de tudo, considerar um movimento que se manifesta como uma ação política e cultural, um enfrentamento contra uma estrutura de poder que constantemente busca silenciar as vozes negras. As escritoras negras, ao contarem suas histórias e ao darem vida a suas personagens, não só resgatam a dignidade histórica e cultural de suas comunidades, mas também reivindicam seu direito à narrativa, ao espaço público e à representação literária.

Portanto, a literatura negra feminina se configura como um espaço de resistência e de resiliência, onde a experiência de opressão é reescrita a partir da perspectiva da autora negra, que não é mais vista como um ser submisso ou exótico, mas como sujeito de sua própria história. Suas narrativas não apenas visam

dar visibilidade a experiências históricas e sociais específicas, mas também oferecem novos modelos de identidade e pertencimento, livres das amarras dos estereótipos e da subordinação. A força da escrita negra feminina, nesse contexto, se revela como um meio potente de subversão, ao reconquistar a voz e reescrever a história de mulheres que, por muito tempo, foram excluídas tanto do espaço literário quanto da história oficial do Brasil. Assim, refletir sobre a literatura de autoria negra feminina é, em última análise, reconhecer o caráter fundamental de sua resistência e sua contribuição para a construção de uma literatura mais inclusiva, plural e, portanto, mais verdadeira.

Estudiosos e críticos literários atribuem o início do movimento da literatura negra de autoria feminina no Brasil a Maria Firmina dos Reis e seu romance “Úrsula”, publicado em 1859. Essa obra é considerada um marco, pois é uma das primeiras escritas por uma mulher negra no país, abordando questões raciais e sociais em um contexto de opressão. O reconhecimento de “Úrsula” como um ponto de partida para a literatura negra feminina é enfatizado em estudos acadêmicos que analisam a trajetória e a evolução dessa produção literária ao longo dos anos. Esse reconhecimento tem sido fundamental para dar visibilidade às vozes das autoras negras que vieram a seguir, fortalecendo a luta pela afirmação de suas identidades e experiências. Essa atribuição é feita com base em evidências históricas, embora seja plausível que outras mulheres negras tenham produzido textos anteriormente. No entanto, devido às limitações impostas às mulheres no século XIX, especialmente no que diz respeito à publicação e ao acesso à mídia escrita, essas produções não foram registradas ou preservadas.

O século XX testemunhou a ascensão de várias escritoras negras que utilizaram a escrita para articular e expor suas experiências e desafios enquanto mulheres negras. Entre essas autoras, destacam-se Carolina Maria de Jesus, Geni Guimarães. Carolina Maria de Jesus, com sua obra “Quarto de Despejo”, ofereceu uma visão crua e impactante da vida nas favelas. Geni Guimarães contribuiu com uma produção literária que aborda questões de identidade e resistência. Essas autoras desempenharam papéis muito importantes na literatura brasileira, desafiando os discursos dominantes e proporcionando uma visão enriquecedora e multifacetada das realidades vividas pelas mulheres negras.

A representatividade na literatura negra brasileira tem grande relevância por diversas razões. Em primeiro lugar, ela proporciona visibilidade e espaço para que

autores negros possam expressar suas experiências, perspectivas e narrativas, contribuindo para um panorama literário mais rico e diversificado. Autoras como Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Djamila Ribeiro e Geni Guimarães exemplificam essa importância, ao trazerem à tona histórias que refletem realidades muitas vezes negligenciadas pela literatura hegemônica.

Além disso, a presença de vozes afro-brasileiras na literatura problematiza estereótipos racistas, promovendo uma compreensão mais complexa da experiência negra no Brasil. Obras de escritoras como Djamila Ribeiro e Laís Mendes não apenas questionam narrativas dominantes, mas também oferecem novos ângulos sobre questões de identidade, raça e pertencimento.

A literatura negra feminina brasileira contemporânea tem desempenhado um papel importante na criação de novas formas de resistência e na ampliação do “direito a significar”, conforme destacado por Felisberto e Miranda (2023). Essa produção literária não apenas desafia as normas estabelecidas, mas também constrói formas insubmissas de existência e pensamento, conectando o futuro e a ancestralidade às lutas presentes.

As produções literárias negras brasileiras têm sido um espaço de inovação, onde autores e autoras criam narrativas que resistem às opressões históricas e contemporâneas. Essa resistência é fundamental para a construção de identidades fortes e autônomas, que desafiam as narrativas dominantes. A capacidade de conectar o futuro e a ancestralidade às lutas presentes é um dos aspectos mais poderosos dessa literatura. Essa conexão temporal permite uma compreensão mais profunda das raízes das desigualdades e das formas de resistência, promovendo uma continuidade histórica que fortalece as lutas atuais. Ao desafiar os critérios tradicionais de autoria e estabelecer uma dialética com a literatura brasileira, a literatura negra contribui para a diversificação do cânone literário. Isso não apenas enriquece o panorama literário, mas também promove uma inclusão maior de vozes historicamente marginalizadas.

No entanto, apesar de sua importância, a literatura negra brasileira ainda enfrenta desafios significativos em termos de reconhecimento e valorização no cenário literário nacional e internacional. Muitas vezes, essas obras não recebem a mesma atenção e prestígio que as produções de autores brancos.

No contexto das lutas contra as desigualdades raciais, o termo igualdade é frequentemente utilizado para descrever as aspirações dos sujeitos negros. No entanto, como argumentam Rodrigues e Bonfim (2023), igualdade não é sinônimo de equidade. A equidade envolve a implementação de ações afirmativas que promovem justiça social em um país historicamente marcado pela injustiça racial. A equidade é essencial para garantir que a luta pela identidade negra ocorra dentro das estruturas capitalistas, onde o racismo antinegro é estrutural. Autoras como Conceição Evaristo e Geni Guimarães exploram as complexidades da identidade negra feminina em suas obras, destacando a necessidade de ações afirmativas e de uma luta contínua contra as estruturas opressivas. Levando-se em conta que, as estruturas institucionais do campo literário, incluindo editoras, prêmios literários e academias, frequentemente perpetuam exclusões e desigualdades. Essas barreiras dificultam o acesso de autores negros a recursos e oportunidades, limitando a visibilidade e o impacto de suas obras. A produção literária negra muitas vezes enfrenta dificuldades financeiras e de sustentabilidade, o que pode limitar a continuidade e o desenvolvimento de projetos literários a longo prazo. A falta de apoio institucional e de políticas públicas voltadas para a promoção da literatura negra agrava esses desafios.

Conforme apontam Felisberto e Miranda (2023), as produções literárias femininas negras não apenas cria sua própria espiral e tradição, independente dos critérios acadêmicos tradicionais para definir a autoria negra, mas também estabelece uma dialética essencial com a literatura brasileira e o funcionamento do cânone literário. Essa dualidade revela a capacidade da literatura negra de desafiar e reconfigurar as normas estabelecidas, promovendo uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder e exclusão presentes no campo literário. Ao explorar essas dinâmicas, é possível compreender como a literatura negra contemporânea contribui para a ampliação e diversificação do panorama literário brasileiro, ao mesmo tempo em que reafirma a importância de vozes historicamente marginalizadas.

### **2.1. Geni Guimarães e sua obra**

A literatura brasileira é marcada por uma rica diversidade de vozes que refletem as múltiplas identidades e experiências presentes no país. Entre essas vozes, destaca-se Geni Guimarães, uma importante escritora, poetisa e ativista

negra brasileira, que aborda em suas obras temas raciais, sociais e políticos com profundidade e sensibilidade. Nascida na área rural do município de São Manuel, no interior de São Paulo, em 8 de setembro de 1947, Geni Guimarães é filha de Sebastiana Rosa de Oliveira e Benedito Mariano de Camargo. Décima primeira entre doze irmãos, dos quais conheceu apenas nove, desde cedo encontrou na literatura uma forma de resistência e afirmação, narrando as experiências de sua ancestralidade afro-brasileira e abordando questões identitárias com coragem e autenticidade.

Seu primeiro livro, "Terceiro filho", publicado em 1979, marcou o início de uma trajetória literária que se aprofundou em temas ligados à identidade negra. A autora participou de eventos culturais de grande relevância, como a IV Bienal Nestlé de Literatura, onde teve a oportunidade de compartilhar sua visão e promover debates sobre raça e cultura. Em 1988, lançou a coletânea de contos "Leite do peito", que exemplifica como utiliza a literatura para explorar e valorizar a cultura afro-brasileira, trazendo à tona as complexidades e a beleza de sua herança cultural.

Em 1998, Geni lançou "A cor da ternura", uma obra voltada para o público infantojuvenil que aborda questões de identidade e preconceito racial de maneira sensível e educativa. Este livro recebeu os prêmios Jabuti e Adolfo Aisen, solidificando a importância de sua escrita no cenário literário brasileiro. Ao longo de sua carreira, Geni se envolveu em diversas iniciativas voltadas à inclusão e valorização da cultura afro-brasileira, além de ter se aproximado do grupo Quilombhoje nos anos 80, dedicando-se à literatura negra e ao debate social. Sua obra inclui poesias, contos e ensaios que ressaltam a luta pela igualdade racial e a valorização da cultura negra.

Além de escritora, Geni Guimarães é amplamente reconhecida por seu trabalho como professora e ativista, promovendo a inclusão e a valorização da cultura afro-brasileira. Seu ativismo vai além da escrita, contribuindo para a democratização do acesso à literatura e à cultura, promovendo a representatividade e a inclusão de vozes sub-representadas. Em 2000, Geni candidatou-se ao cargo de vereadora de sua cidade, demonstrando seu comprometimento com a luta por igualdade e justiça social, ainda que não tenha sido eleita.

Em 2020, ela foi homenageada como a personalidade do ano na Balada Literária, evento dedicado à música, literatura e artes, em reconhecimento à sua contribuição inestimável à literatura brasileira. No mesmo ano, a 7ª edição da

Olimpíada de Língua Portuguesa também reconheceu sua trajetória na literatura e na educação, homenageando-a por suas contribuições significativas.

A obra de Geni Guimarães é um reflexo de sua vida e um convite à ação, desafiando a sociedade a ouvir novas narrativas e a valorizar diferentes perspectivas sobre identidade, raça e gênero. Através de suas poesias, contos e ensaios, ela ressalta a importância da luta pela igualdade racial e pela valorização da cultura negra. Geni continua a ser uma voz poderosa e essencial na literatura brasileira, inspirando gerações a lutar por um mundo mais justo e inclusivo. Sua obra não é apenas um reflexo de sua vida, mas um apelo constante à transformação, desafiando a sociedade a ouvir novas narrativas e a valorizar diferentes perspectivas sobre identidade, raça e gênero. O direito à palavra ao longo da nossa história não era, e de certa forma ainda não é, acessível a todos, uma vez que o domínio da linguagem representava, e ainda representa, uma forma de poder.

Fechando este ciclo de vida e obra de Geni Guimarães, é fundamental reconhecer o impacto duradouro que a autora teve na literatura e na sociedade brasileira. Sua voz, repleta de autenticidade e coragem, ecoa não apenas nas páginas de seus escritos, mas também nas lutas diárias por igualdade e justiça social. Geni Guimarães é, sem dúvida, um ícone cuja obra e vida continuam a inspirar e iluminar o caminho para um futuro melhor.

## **2.2 Raça, racismo estrutural e a luta da mulher negra no Brasil**

O conceito de raça, conforme apresentado por Kabengele Munanga (2003), possui uma origem etimológica rica e multifacetada. Derivado do italiano “razza” e, por sua vez, do latim “ratio”, o termo inicialmente significava sorte, categoria ou espécie.

De acordo com Munanga (2003),

Etimologicamente, o conceito de raça veio do italiano razza, que por sua vez veio do latim ratio, que significa sorte, categoria, espécie. Na história das ciências naturais, o conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. [...] Como a maioria dos conceitos, o de raça tem seu campo semântico e uma dimensão temporal e espacial. No latim medieval, o conceito de raça passou a designar a descendência, a linhagem, ou seja, um grupo de pessoas que têm um ancestral comum e que, ipso facto, possuem algumas características físicas em comum. [...] para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças. Nos séculos XVI-XVII, o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época. (Munanga, 2003, p.1).

Na história das ciências naturais, o conceito de raça foi usado na Zoologia e na Botânica para classificar espécies animais e vegetais, com o objetivo de organizar a diversidade biológica de forma clara. Com o tempo, o termo foi ganhando novas conotações, passando a ser utilizado na Idade Média para se referir à linhagem ou descendência, identificando grupos de pessoas com ancestrais e características físicas comuns. Nos séculos XVI e XVII, o conceito foi aplicado para categorizar grupos humanos com base em traços físicos, o que influenciou relações sociais e políticas, especialmente na França. A nobreza francesa, por exemplo, usou a ideia de raça para justificar sua superioridade sobre a plebe, alegando uma linhagem "pura" que lhes dava o direito natural de governar. Essa apropriação do conceito de raça mostra como ideias científicas foram distorcidas para legitimar hierarquias sociais, mesmo que não houvesse diferenças biológicas significativas entre as classes. A análise de Munanga revela como o conceito de raça foi utilizado historicamente para sustentar estruturas de poder e desigualdade.

A variabilidade humana é um fato indiscutível que, como aponta Munanga (2003), requer uma explicação científica. O desenvolvimento do conceito de raça buscou inicialmente organizar essa diversidade, mas acabou se transformando em um mecanismo de hierarquização, levando ao racismo, ou seja, a crença na existência de "raças" biologicamente distintas e hierarquicamente organizadas, com algumas consideradas superiores a outras. Essa hierarquização teve profundas implicações sociais e políticas, justificando a exploração e dominação de certos grupos humanos. Munanga ressalta que essa divisão não tem fundamento científico, pois a variabilidade genética entre seres humanos é mínima, e as diferenças maiores ocorrem dentro dos grupos raciais, não entre eles. No Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas, Daflon e Camargo (2023) destacam que as classificações raciais permeiam desde interações cotidianas até estruturas sociais mais amplas, como o Estado e movimentos políticos. Eles argumentam que a raça, enquanto construção social e histórica, reflete as dinâmicas de poder e exclusão que moldam as desigualdades raciais. Ao reconhecer essa complexidade, é possível promover uma análise crítica sobre como a raça influencia a vida cotidiana e as políticas públicas. Guimarães afirma que as classificações raciais transformam preconceitos em "realidades" naturais, legitimando discriminações. Apesar de não existir base biológica para a raça, ela tem efeitos sociais concretos, gerando

desigualdades e discriminação que afetam milhões de pessoas. Almeida (2018) amplia essa discussão, abordando o racismo estrutural, que se manifesta nas instituições e práticas sociais, perpetuando injustiças de forma sistêmica. Neves (2023) destaca a conexão histórica entre racismo e antirracismo, que remonta ao período colonial, e como essas dinâmicas continuam a moldar as relações raciais atuais.

De acordo com Silvio Almeida (2018):

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (Almeida, 2018, p. 25)

Enquanto discriminação é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. [...] e tem como requisito fundamental o poder. (ALMEIDA, 2018). Nilma Lino Gomes (2003), renomada pesquisadora da questão racial, destaca a importância das escritoras negras na construção de uma literatura que reflete a diversidade e a riqueza da cultura afro-brasileira. Ela enfatiza que a literatura de autoria feminina negra traz à tona narrativas que muitas vezes são silenciadas ou marginalizadas, oferecendo novas perspectivas e promovendo a representatividade, ressaltando que a literatura de autoria negra é fundamental para a formação de identidades positivas e para o combate ao racismo.

A intersecção entre raça, racismo estrutural, a luta das mulheres negra no Brasil e o feminismo negro constitui um campo de estudo fundamental para a compreensão das dinâmicas sociais e históricas que moldam a sociedade brasileira. O conceito de raça, embora socialmente construído, tem consequências profundas e duradouras, manifestando-se por meio do racismo estrutural que permeia diversas instituições e práticas sociais. Esse racismo estrutural afeta desproporcionalmente as mulheres negras, que enfrentam uma tripla discriminação baseada em raça, gênero e classe. Nesse contexto, o feminismo negro emerge como uma resposta crítica e articulada, que não apenas denuncia as múltiplas formas de opressão, mas também propõe estratégias de resistência e emancipação. Ao abordar essas questões de forma integrada, é possível revelar as complexas interconexões entre as diferentes formas de desigualdade e promover uma análise mais rica e abrangente das lutas das mulheres negras na contemporaneidade por justiça social e igualdade. Segundo Davis (apud Figueiredo 2023),

[...] o feminismo negro vai além da análise interseccional das categorias de gênero, raça e classe, pois ele deve desenvolver uma consciência em relação ao capitalismo, ao colonialismo, [...] a mais gêneros do que jamais imaginamos, a mais sexualidade do que pensamos poder nomear, [...] O feminismo não nos ajudou a reconhecer uma série de conexões entre discursos, instituições, identidades e ideologias que tendemos a examinar separadamente. (Davis apud Figueiredo, 2023, p.150).

O feminismo negro, conforme discutido por Angela Figueiredo (2023) e Davis (2018), propõe uma abordagem que vai além da análise interseccional tradicional das categorias de gênero, raça e classe. Essa perspectiva exige o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação ao capitalismo e ao colonialismo, reconhecendo a complexidade das opressões que afetam as mulheres negras. Além disso, o feminismo negro amplia o entendimento sobre gêneros e sexualidades, desafiando as limitações das categorias convencionais. Permitindo identificar e analisar as conexões entre discursos, instituições, identidades e ideologias que, frequentemente, são examinadas de forma isolada. Ao integrar essas dimensões, o feminismo negro oferece uma visão mais holística e profunda das dinâmicas de poder e exclusão, promovendo uma compreensão mais abrangente das lutas por justiça social. Essa perspectiva não apenas enriquece o debate acadêmico, mas também fortalece as estratégias de resistência e emancipação das mulheres negras, evidenciando a importância de uma análise multifacetada e interconectada das opressões sociais.

A análise das relações raciais no Brasil é permeada por uma pluralidade de termos e conceitos, a utilização frequentemente provoca divergências entre autores, intelectuais e ativistas que possuem distintas abordagens teóricas e ideológicas. Essas discordâncias, que podem ser intensificadas pela área de conhecimento e pela posição política de cada interlocutor, essas divergências têm o potencial de gerar mal-entendidos significativos.

A discussão sobre o conceito de raça tem sido amplamente abordada por diversos estudiosos, destacando-se a perspectiva de que a raça é uma construção social e histórica. Segundo Daflon e Camargo (2023), a raça está intrinsecamente ligada a processos de exploração e clausura grupal, determinando quem pode ou não acessar determinados recursos e status dentro de uma comunidade.

Vincula raça a processos de exploração e de clausura grupal, isto é, de definição de quem deve ou não acessar a determinados recursos e status em

uma comunidade. [...] Apesar de diferenças de enfoque ou escala, todas essas teorias compartilham a noção de que raça é social e historicamente construída e, portanto, não corresponde à realidade objetiva. (Daflon; Camargo, 2023, p. 23).

Os termos e conceitos em questão não apenas evidenciam a construção teórica acerca das relações raciais, mas também refletem as variadas interpretações que a sociedade brasileira e seus diversos atores sociais atribuem a essas dinâmicas. Nesse cenário, destaca-se a importância dos movimentos sociais, em especial do Movimento Negro, que atuam na rearticulação e na ampliação da compreensão sobre a questão social e racial no Brasil, conferindo a essas discussões uma dimensão política e interpretativa renovada.

Tanto o antirracismo como seu oposto, o racismo, são consequências da expansão colonial europeia a partir do século XV, quando a noção de raça passa a ser uma das bases legitimadoras da espoliação e escravização de populações não brancas. (Neves, 2023, p. 38).

O conceito de racismo, conforme definido pelo dicionário Michaelis, abrange várias dimensões que refletem a complexidade e a profundidade desse fenômeno social. A primeira definição descreve o racismo como uma teoria ou crença que estabelece uma hierarquia entre as raças (etnias). Esta perspectiva sugere que as diferenças raciais são usadas para justificar a superioridade de um grupo sobre outro, criando uma estrutura social desigual.

A segunda definição do Michaelis vai além, caracterizando o racismo como uma doutrina que fundamenta o direito de uma raça, vista como pura e superior, de dominar outras. Esta definição destaca a ideologia subjacente ao racismo, que não apenas reconhece diferenças raciais, mas também as utiliza para legitimar a dominação e a exploração de grupos considerados inferiores. Essa visão é historicamente associada a práticas como o colonialismo e a escravidão, onde a ideia de superioridade racial foi usada para justificar a subjugação de povos inteiros.

A terceira definição do Michaelis aborda o racismo como um preconceito exagerado contra pessoas pertencentes a uma raça diferente, geralmente considerada inferior. Esta definição enfatiza o aspecto individual e psicológico do racismo, onde atitudes e comportamentos discriminatórios são direcionados contra indivíduos com base em sua raça. Esse preconceito pode se manifestar de várias formas, desde micro agressões cotidianas até atos de violência explícita. Ao analisar

essas definições, fica claro que o racismo é um fenômeno que opera em diferentes níveis da sociedade.

Ele pode ser entendido como uma crença ideológica, uma doutrina política e um preconceito individual. Cada uma dessas dimensões contribui para a perpetuação das desigualdades raciais e para a manutenção de estruturas de poder baseadas na raça. Nilma Lino Gomes (2005), reflete sobre essa questão:

*Raça é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que se denota tão-somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais, e informada por uma noção específica de natureza, como algo endodeterminado. A realidade das raças limita-se, portanto, ao mundo social. Mas, por mais que nos repugne a empulhação que o conceito de 'raça' permite – ou seja, fazer passar por realidade natural preconceitos, interesses e valores sociais negativos e nefastos –, tal conceito tem uma realidade social plena, e o combate ao comportamento social que ele enseja é impossível de ser travado sem que se lhe reconheça a realidade social que só o ato de nomear permite (Gomes, 2005, p.11).*

O conceito de raça não corresponde a nenhuma realidade natural. Em vez disso, trata-se de uma construção social que reflete atitudes negativas em relação a certos grupos sociais, fundamentada em uma noção específica de natureza como algo endodeterminado. Essa perspectiva destaca que a realidade das raças é limitada ao mundo social, não encontrando respaldo na biologia ou na genética.

A reflexão de Nilma Lino Gomes nos convida a questionar as bases sociais e históricas do conceito de raça, reconhecendo sua natureza construída e suas implicações sociais. Levando-se em consideração que a sociedade brasileira, é marcada por uma história de escravidão e desigualdade, e frequentemente nega a existência do racismo, criando uma realidade ambígua e contraditória. Essa negação persistente não apenas oculta as manifestações explícitas de preconceito, mas também perpetua um sistema de discriminação estrutural que afeta profundamente a população negra. Nesse sentido, compreender o racismo no Brasil exige uma análise crítica que vá além das aparências e revele as sutilezas e contradições inerentes a essa questão.

De acordo com a autora Nilma Lino Gomes (2005), no Brasil o racismo tem uma característica peculiar, e sua manifestação através da negação é um fenômeno que distingue o contexto brasileiro de outros, onde o racismo é frequentemente mais explícito. Em nosso país, a negação persistente da existência do racismo e do preconceito racial cria uma contradição constante, dificultando a identificação e o

combate efetivo dessas práticas discriminatórias.

Essa negação não apenas invisibiliza as experiências de discriminação vividas por grupos racializados, mas também perpetua a falsa ideia de uma sociedade racialmente harmoniosa. Para enfrentar essa realidade, é essencial reconhecer e dismantlar essas negações, promovendo uma conscientização coletiva sobre a presença e os impactos do racismo estrutural e cotidiano. A Lei nº 7.716/1989, conhecida como Lei do Racismo, é um marco importante no combate à discriminação racial no Brasil. Ela define como crime a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. O efetivo exercício dessa legislação é fundamental para combater o racismo estrutural e cotidiano, e sua eficácia depende da conscientização e da aplicação rigorosa das leis.

Portanto, é imprescindível que a sociedade, em sua totalidade, reconheça e enfrente essas questões de forma sistemática e integrada, promovendo uma reflexão crítica sobre as suas estruturas e práticas que perpetuam a negação do racismo. Angela Davis (2016), em sua célebre afirmação, destaca a necessidade de uma postura ativa contra o racismo: “Numa sociedade racista, não basta não ser racista, é necessário ser antirracista.” Essa perspectiva enfatiza que a simples ausência de atitudes racistas não é suficiente para combater as profundas desigualdades e injustiças enraizadas na sociedade.

Complementando essa visão, Neves (2023) argumenta que o antirracismo se manifesta como uma forma de resistência, desafiando e negando a base legitimadora do racismo, que é a ideia biológica de raça. Assim, o antirracismo não apenas rejeita a discriminação racial, mas também busca dismantlar as estruturas e ideologias que perpetuam a desigualdade racial. Dessa forma, a luta antirracista se torna essencial para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. De acordo com (Neves, 2023, p. 39), “Os antirracismo são formas de lutar contra o racismo, a partir da negação de sua base legitimadora, a ideia biológica de raça.”

Grada Kilomba (2019) oferece uma análise do racismo, destacando três características fundamentais que operam simultaneamente. A primeira é a construção da diferença, onde a “diferença” é criada em relação a um grupo que se define como norma, geralmente a norma branca. Nesse processo, a discriminação transforma indivíduos em “diferentes”. A segunda característica é a ligação inseparável dessas diferenças a valores hierárquicos, que estigmatizam e desonram os grupos racializados, naturalizando a inferioridade. Esses processos, combinados

com o poder histórico, político, social e econômico, formam o racismo estrutural, que Kilomba identifica como a supremacia branca.

O racismo é revelado em um nível estrutural, pois pessoas negras estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas. Estruturas oficiais operam de uma maneira que privilegia manifestadamente seus sujeitos brancos, colocando membros de outros grupos racializados em uma desvantagem visível, fora das estruturas dominantes. Isso é chamado de racismo estrutural. (Kilomba, 2019, P. 77)

O conceito de racismo estrutural, conforme discutido por Kilomba (2019), revela como as pessoas negras são sistematicamente excluídas das principais estruturas sociais e políticas. Essas estruturas operam de maneira a privilegiar os indivíduos brancos, colocando os membros de outros grupos racializados em uma posição de desvantagem visível. Esse tipo de racismo não se manifesta apenas em atitudes individuais, mas está enraizado nas instituições e práticas sociais que perpetuam a desigualdade racial. Kilomba argumenta que o racismo estrutural é uma forma sofisticada de opressão que se adapta ao contexto contemporâneo, normalizando a violência e a exclusão. Essa perspectiva é essencial para entender como o racismo funciona de maneira abrangente e persistente, afetando todos os aspectos da vida das pessoas racializadas.

Silvio de Almeida (2018) em seus estudos, argumenta que o racismo não é apenas uma questão de atitudes individuais, mas está enraizado nas estruturas sociais, políticas e econômicas da sociedade. O racismo estrutural é como um alicerce invisível que sustenta e perpetua desigualdades raciais. Ele está presente nas normas, valores e práticas que governam a vida cotidiana, influenciando desde as oportunidades de emprego até o acesso à educação e saúde. Essas desigualdades estruturais criam um ambiente onde o racismo institucional pode florescer.

Por sua vez, o racismo institucional é a manifestação concreta dessas desigualdades estruturais dentro das instituições. Ele se revela através de políticas, práticas e procedimentos que resultam em tratamento desigual e injusto de pessoas com base em sua raça. Por exemplo, quando uma instituição de ensino adota critérios de admissão que desfavorecem estudantes negros, ou quando uma empresa tem práticas de contratação que discriminam candidatos de minorias raciais, estamos diante de exemplos claros de racismo institucional. De acordo com Grada Kilomba (2019), o Racismo institucional é;

Como o termo "instituição" implica, o racismo institucional enfatiza que o racismo não é apenas um fenômeno ideológico, mas também institucionalizado. O termo se refere a um padrão de tratamento desigual nas operações cotidianas(...) O racismo institucional opera de tal forma que coloca os sujeitos brancos em clara vantagem em relação a outro grupo racializado. (Kilomba, 2019, p. 77-78)

O conceito de racismo institucional, conforme discutido por Kilomba (2019), destaca que o racismo vai além de uma ideologia individual, sendo profundamente enraizado nas instituições sociais. Esse tipo de racismo se manifesta através de padrões de tratamento desigual nas operações cotidianas, beneficiando sistematicamente os indivíduos brancos e colocando os grupos racializados em desvantagem. Grada Kilomba argumenta que o racismo institucional é uma forma sofisticada de opressão, que se perpetua através das estruturas oficiais e práticas sociais, reforçando a supremacia branca. Ao reconhecer o racismo como um fenômeno institucionalizado, podemos identificar as formas pelas quais ele é perpetuado e buscar estratégias eficazes para combatê-lo.

É de suma importância discutir o sistema estrutural de opressão racial presente no Brasil, destacando como as oportunidades são negadas às pessoas negras, forçando-as a enfrentar barreiras constantes no acesso à educação, ao mercado de trabalho e ao sucesso profissional. “Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral” (Evaristo, 2011, p. 134-135). Ao contrário do cânone, a escrita em análise apresenta o protagonismo e humanização das personagens negras.

### **3. A Análise de Discurso (AD)**

Este capítulo abordará a Análise do Discurso (AD) a partir da perspectiva que a Análise do Discurso (AD) é um campo de estudo que se situa na interseção entre a linguística e as ciências sociais, oferecendo ferramentas valiosas para a compreensão das práticas discursivas em diferentes contextos. Este capítulo tem como objetivo apresentar uma visão geral da AD, destacando as contribuições de Dominique Maingueneau e Fernanda Mussalim (2009) .

#### **3.1. O campo da análise do discurso**

A Análise de Discurso (AD) surgiu na França na década de 1960, com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre como os discursos são construídos e como eles influenciam e são influenciados pelas relações de poder e pelas estruturas sociais. Inspirada por pensadores como Michel Foucault e Mikhail Bakhtin, a AD se afasta de uma análise puramente linguística e adentra a investigação dos contextos históricos, sociais e culturais que moldam os discursos. A ênfase está na compreensão de que os discursos não são neutros, mas sim moldados por uma teia complexa de relações sociais que refletem as ideologias e os poderes presentes em uma sociedade.

Fernanda Mussalim (2009) destaca que a Análise de Discurso vai muito além de simplesmente examinar o conteúdo ou o que é dito. Ela sublinha a importância de se observar as condições de produção dos discursos, ou seja, o contexto no qual eles surgem e circulam. Isso inclui quem fala, para quem se fala, em que circunstâncias e com quais intenções. Para Mussalim, compreender um discurso requer um olhar atento às relações sociais e aos interesses que o atravessam, considerando como ele afeta e é afetado pela sociedade em que se insere. Ela também destaca que o discurso tem efeitos diretos na configuração das relações de poder, sendo tanto um reflexo quanto um instrumento de manutenção ou transformação das estruturas sociais.

Dominique Maingueneau (2004 e 2006) oferece uma contribuição importante para essa área ao propor uma abordagem que une a análise textual à compreensão das práticas discursivas. Ele sugere que para entender o funcionamento de um discurso, é essencial situá-lo em um contexto mais amplo de práticas sociais e culturais. Maingueneau introduz conceitos como texto, discurso, interdiscurso, cenografia e *ethos* discursivo, todos eles fundamentais para a análise discursiva. O conceito de interdiscurso refere-se à maneira como os discursos dialogam entre si, formando uma rede complexa de referências e sentidos. A cenografia, por sua vez, trata da cena enunciativa que um discurso constrói — o modo como o locutor e o destinatário são posicionados dentro do discurso. O *ethos* discursivo refere-se à imagem que o locutor constrói de si mesmo através do discurso, que é parte crucial para entender as intenções e a legitimidade de quem fala.

Maingueneau (2004) também sugere que os discursos se sustentam não apenas no conteúdo explícito, mas na construção de um cenário, de um contexto e de uma autoridade que o legitimam. Assim, ele nos ajuda a perceber que a análise

de discursos não pode ser desconectada das práticas sociais mais amplas que dão forma ao modo como os indivíduos interagem e se comunicam em sociedade. Dessa maneira, o discurso é tanto um produto quanto um fator que influencia os comportamentos sociais e as formas de ver o mundo.

Mussalim (2009) e Maingueneau (2004 e 2006), ao longo de seus estudos, enfatizam que os discursos não existem de forma isolada; eles estão inseridos em redes de poder e práticas sociais que os constituem e são por eles constituídos. Essa perspectiva é particularmente relevante quando se analisa discursos que desafiam ou reconfiguram normas sociais e estruturas estabelecidas. Por exemplo, discursos que questionam convenções de gênero, raça ou classe não podem ser compreendidos sem considerar as condições históricas e culturais que os cercam.

Ao utilizar a Análise de Discurso como ferramenta para investigar esses fenômenos, é possível perceber como certos grupos conseguem subverter ou reforçar normas através de suas práticas discursivas. Mussalim e Maingueneau, com suas abordagens complementares, nos alertam para o fato de que os discursos não apenas refletem a realidade, mas também ajudam a moldá-la. Eles mostram como o poder discursivo é uma força ativa nas relações sociais, abrindo espaço para a reflexão crítica sobre como os discursos podem ser usados para promover mudanças ou perpetuar desigualdades.

### **3.2. A análise do discurso de Dominique Maingueneau**

Para Maingueneau (2006), o texto é a unidade fundamental de análise, devendo ser compreendido no contexto de sua produção e recepção. O discurso, por sua vez, é o conjunto de textos que compartilham uma mesma formação discursiva, seguindo regras e normas específicas de produção. A cenografia diz respeito ao cenário discursivo, ou seja, ao contexto em que o discurso é produzido e que molda sua forma e conteúdo. O *ethos* discursivo é a imagem que o locutor constrói de si mesmo através do discurso, buscando estabelecer credibilidade e autoridade perante o público.

Dominique Maingueneau (2004) explora as diversas abordagens teóricas sobre texto e discurso, oferecendo uma visão abrangente desses conceitos e suas interações. Ele destaca que, para entender texto e discurso, é essencial considerar a perspectiva discursiva em que estão inseridos. Segundo Maingueneau, “um texto

não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada” (Maingueneau, 2004, p. 85). O autor destaca a importância de distinguir entre texto e discurso na análise discursiva. Ele argumenta que a teoria do discurso deve abordar tanto o discurso em si quanto os objetos discursivos, que são os textos, ressaltando a complementaridade entre essas noções.

Para Maingueneau, o discurso é uma prática social, sujeita a regras de organização de um grupo social específico. É uma forma de ação contextualizada, pois um mesmo enunciado pode ter significados diferentes dependendo do contexto em que é pronunciado. O discurso é assumido por um sujeito, que se posiciona como fonte de referências pessoais, temporais e espaciais em relação ao que diz e na interação com o co-enunciador. Além disso, o discurso é regido por normas, devendo adaptar-se às situações de comunicação e ser interpretado em relação a outros discursos, o que Maingueneau chama de interdiscurso. Dessa forma, a identidade discursiva se estrutura a partir dessas relações interdiscursivas, caracterizadas por uma interação semântica entre discursos. Na análise proposta por Maingueneau (2006), a AD não se baseia em uma abordagem fechada. Segundo ele, os enunciados suscitam a adesão do leitor através de um modo de dizer que também é um modo de ser. Ao sermos capturados pela leitura, audição ou espetáculo, imersos em um *ethos* envolvente e invisível, não nos limitamos a decifrar conteúdos. Participamos do mundo configurado pela enunciação e acessamos uma identidade de alguma forma encarnada (Maingueneau, 2006, p. 290).

Ele destaca que o texto possui propriedades formais, como organização sintática e semântica, essenciais para seu reconhecimento.

Por outro lado, o discurso é uma noção mais ampla, que vai além da materialidade linguística e inclui aspectos sócio-históricos e ideológicos que influenciam a produção e recepção dos textos. Maingueneau (2006) enfatiza que o discurso é um fenômeno social, produzido e interpretado por sujeitos em contextos específicos. Assim, a análise do discurso não se limita aos textos, mas também investiga as condições de produção e os efeitos de sentido que eles geram. Maingueneau ressalta a importância de considerar o discurso como uma prática social, levando em conta tanto as características linguísticas dos textos quanto o contexto de sua produção e interpretação.

Para o autor, o discurso é um espaço de interação social, onde diferentes vozes se cruzam e entram em conflito. Ele também destaca que o texto não é um veículo neutro para a expressão do discurso, mas possui uma dimensão simbólica que reflete as representações e ideologias de um grupo ou sociedade. Portanto, a análise do discurso deve considerar as estratégias discursivas presentes nos textos e as relações de poder que permeiam sua produção e recepção.

Para Maingueneau (2006), o interdiscurso precede o discurso de fato, no seguinte sentido: o Outro é desenhado a partir do UM. Mesmo não havendo outro [...], seu discurso, na forma de simulacro, poderia ser criado a partir de um discurso existente. O autor define o discurso como a atividade de produção, circulação e recepção de textos. Enquanto o texto é uma unidade concreta e material, o discurso é uma noção mais ampla, que abrange tanto a dimensão linguística quanto a social da comunicação. O discurso incorpora aspectos ideológicos, políticos e sociais presentes na produção textual, bem como as práticas e estratégias discursivas dos falantes. A análise do texto de comunicação, segundo Maingueneau, não se limita à análise linguística, mas também inclui abordagens sociológicas, políticas e históricas. Para compreender texto e discurso, é necessário considerar o contexto de produção, as intenções dos sujeitos envolvidos e as relações de poder presentes.

Maingueneau oferece uma reflexão aprofundada sobre os conceitos de texto e discurso e sua relação com a análise da comunicação. Ele apresenta definições e conceitos que destacam a importância do contexto, das práticas sociais e das relações de poder na produção e circulação dos textos. A abordagem discursiva proposta por Maingueneau permite uma análise mais ampla e crítica dos discursos na sociedade, integrando aspectos linguísticos e sociais para uma compreensão mais completa.

### **3.3. Os conceitos de *Ethos* discursivo e cenografia no discurso literário**

Maingueneau(2004) discute a complexidade do texto literário, abordando os conceitos de *ethos* discursivo e cenografia. Ele explora como esses elementos são utilizados pelos escritores para construir uma imagem e uma identidade por meio do texto literário. O *ethos* discursivo refere-se à imagem que o autor cria de si mesmo através de seu discurso.

O conceito de *ethos*, conforme discutido por Maingueneau (2008), é essencialmente discursivo, construído através do discurso e não uma imagem externa ao locutor. O *ethos* é um processo interativo que influencia o outro, sendo uma noção híbrida que combina aspectos sociais e discursivos. No discurso literário, o autor cria um *ethos* que dialoga com o leitor, moldando a percepção e a interpretação da narrativa. Por exemplo, em “A Cor da Ternura”, a autora constrói um *ethos* que reflete a resistência e a resiliência da protagonista. A cenografia da obra, é marcada pelo contexto de racismo e discriminação que molda o *ethos* da personagem.

[...]o *ethos* é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso, não é uma ‘imagem’ do locutor exterior à sua fala;[...] o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro;[...] é uma noção fundamentalmente híbrida (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-históricall (Maingueneau, 2008b, p. 17).

É a maneira como ele se apresenta ao leitor, os valores e posições que assume ao longo do texto. Esse *ethos* pode ser construído por meio de diversas estratégias, como o estilo de escrita, a escolha de palavras, a forma de argumentar e até mesmo a maneira como o autor se posiciona em relação ao tema abordado. Em outras palavras, o autor utiliza recursos linguísticos e estilísticos para construir uma persona percebida pelo leitor como confiável e competente para transmitir a mensagem desejada.

A problemática do *ethos* pede que não se reduza a interpretação dos enunciados a uma simples decodificação; alguma coisa da ordem da experiência sensível se põe na comunicação verbal. [...] por meio de uma maneira de dizer que é também uma maneira de ser. Apanhado num *ethos* envolvente e invisível, o co-enunciador faz mais que decifrar conteúdos: ele participa do mundo configurado pela enunciação, ele acede a uma identidade de algum modo encarnada, permitindo ele próprio que um fiador encarne. O poder de persuasão de um discurso deve-se, em parte, ao fato de ele constranger o destinatário a se identificar com o movimento de um corpo, seja ele esquemático ou investido de valores historicamente especificados (Maingueneau, 2008b, p. 29).

Para compreender a relevância do *ethos* discursivo na análise do discurso, é essencial considerar sua aplicação além dos limites tradicionais da retórica antiga. Maingueneau (2004) amplia essa noção ao argumentar que o *ethos* não se restringe apenas à eloquência judiciária ou aos enunciados orais, mas é aplicável a qualquer forma de discurso, incluindo o escrito. Ele destaca que, durante a leitura, emerge

uma instância subjetiva que atua como fiadora do que é dito, conferindo credibilidade e autenticidade ao discurso.

[...]ethos não diz respeito apenas, como na retórica antiga à eloquência judiciária ou aos enunciados orais: é válido para qualquer discurso, mesmo para o escrito[...] a leitura faz, então emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de fiadora do que é dito.(Maingueneau, 2004, p. 98)

É crucial notar que o *ethos* discursivo e a cenografia não são apenas estratégias retóricas, mas elementos constitutivos das obras literárias. O uso de recursos estilísticos específicos e a construção de uma persona autoral fazem parte da linguagem literária, contribuindo para a construção de significados dentro do texto. Maingueneau (2006) também destaca a importância das estratégias de efeito de realidade utilizadas pelo autor para convencer o leitor da veracidade do que está sendo narrado. Essas estratégias são fundamentais para a construção do *ethos* discursivo, pois o autor deve se apresentar como alguém confiável e conhecedor do assunto abordado.

O posicionamento do autor em relação ao discurso é fundamental para o *ethos* discursivo. Ele pode se posicionar como narrador onisciente, narrador em primeira pessoa ou até mesmo como um personagem da própria história. Essa escolha influencia diretamente na imagem que o autor construirá ao longo do texto.

Além disso, a construção da cenografia também desempenha papel importante na formação do *ethos* discursivo. Por exemplo, se o autor escolhe ambientar sua história em um lugar desolado e sombrio, isso pode transmitir ao leitor uma sensação de solidão e tristeza, o que contribuirá para a formação de uma imagem específica do autor.

A cenografia, por sua vez, diz respeito ao espaço e à ambientação criados pelo autor no texto literário. É a construção do ambiente em que a narrativa se desenvolve, o cenário em que os personagens estão inseridos. Essa construção é fundamental para o desenvolvimento da trama, pois ajuda a dar vida aos personagens e a transmitir ao leitor a atmosfera em que se desenrola a história. Diz respeito à construção do espaço ficcional dentro da obra literária. É a forma como o autor situa seus personagens, descreve cenários, cria ambientes e estabelece relações espaço-temporais. A cenografia contribui para a criação de um universo ficcional coerente e verossímil, que permite ao leitor imergir na história e se identificar com os personagens.

Na cenografia o autor constrói sua imagem através das escolhas feitas na ambientação da história, utilizando descrições de lugares, criação de personagens e construção da narrativa para manifestar seu ethos, identidade e posições. Revelando sua visão de mundo de forma profunda e íntima, utilizando escolhas cuidadosas na ambientação e nas descrições dos espaços que cercam seu personagem. Essas escolhas não são apenas elementos de fundo, mas sim reflexos do ethos do autor, que expressa sua identidade e as posições que assume diante das questões sociais que permeiam a narrativa.

A cenografia contribui para a imersão do leitor na obra literária, permitindo-lhe vivenciar as situações e experiências narradas. É interessante destacar que o ethos discursivo e a cenografia não são estáticos e imutáveis, mas podem variar de acordo com o tipo de texto, o gênero literário e o contexto histórico e cultural em que a obra foi produzida. O autor tem a liberdade de escolher sua persona discursiva e criar o ambiente ficcional que melhor se adequa à sua proposta estética e temática.

O ethos discursivo e a cenografia são elementos essenciais na construção do discurso literário, pois o autor se vale desses recursos para criar uma imagem de si mesmo, transmitir seus valores e construir a narrativa de forma convincente. No discurso literário, o ethos discursivo e a cenografia estão intimamente ligados. O autor constrói sua imagem através das escolhas na ambientação da história, descrição dos lugares, criação dos personagens e construção da narrativa. O ethos discursivo estabelece uma relação de confiança com o leitor, enquanto a cenografia contribui para a imersão do leitor na obra. Esses elementos não são apenas estratégias retóricas, mas partes constitutivas das obras literárias, contribuindo para a criação de significados dentro do texto.

#### **4. Metodologia**

A pesquisa desenvolvida nesta monografia foi de cunho qualitativo e interpretativo, com foco na análise da representação discursiva da protagonista negra na obra "A Cor da Ternura", de Geni Guimarães. O método escolhido permitiu uma imersão nas nuances do texto literário, buscando compreender como a autora constrói o *ethos* da mulher negra e como essa construção se relaciona com as questões de racismo e identidade.

Seguindo a percepção de Maria Cecília de Souza Minayo (2012) que argumenta que uma pesquisa qualitativa:

Responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (Minayo, 2022, p. 22).

A escolha do método qualitativo e interpretativo se justificou pela necessidade de explorarmos as complexidades do discurso literário e as experiências vividas pelas mulheres negras, permitindo uma análise profunda que dialoga com a realidade social e cultural do Brasil.

Inicialmente, foi realizada uma revisão da literatura sobre literatura negra, gênero e racismo estrutural no Brasil. Essa etapa envolveu a leitura de obras de autores que discutem as intersecções entre raça, gênero e classe, além de textos teóricos sobre análise do discurso e representação.

Com base nos fundamentos teóricos de Maingueneau (2004, 2006), a análise focou na relação entre os enunciados e a construção do *ethos* da protagonista. A cenografia do discurso literário foi examinada para identificar como os elementos narrativos e linguísticos interagem na representação da mulher negra, destacando sua resiliência e estratégias de resistência.

A partir da análise discursiva, foram identificados padrões e temas recorrentes que revelam as tensões sociais e raciais presentes na obra. Essa etapa envolveu uma leitura crítica, buscando compreender como a linguagem utilizada pela autora serve como resistência ao racismo e como ela materializa uma cultura de sobrevivência.

Por fim, as descobertas foram sintetizadas, ressaltando a importância da literatura como espaço de resistência e a relevância do *ethos* feminino negro na construção de narrativas que desafiam as estruturas de opressão.

#### 4.1. Seleção do *corpus*

A obra 'A Cor da Ternura' foi escolhida como *corpus* desta pesquisa por seu valor enquanto peça literária que reflete as experiências e desafios enfrentados pelas mulheres negras em um contexto de racismo estrutural. A história é contada através de uma perspectiva íntima, que revela não só a violência que permeia a vida

da protagonista, mas também as formas pelas quais ela resiste e encontra força para continuar. Sua escolha também foi porque podemos analisar de que forma a cenografia constituinte do discurso literário na obra interpela a protagonista negra em suas práticas de resistência ao racismo estrutural.

Além de que, a escrita de Geni Guimarães é uma janela que se abre para a realidade de mulheres negras que, como eu, enfrentam desafios cotidianos em uma sociedade marcada pelo racismo e pela desigualdade social. Ao explorar a história da personagem, sinto que vejo um reflexo da minha própria experiência.

A análise do ethos feminino na narrativa foi efetuada por meio do estudo das construções discursivas que evidenciam as dinâmicas de poder e resistência, especialmente em relação às opressões raciais e de gênero.

#### 4.2 Procedimentos da análise

Como ponto de partida, será feita uma ampla revisão de literatura sobre temas fundamentais à compreensão do contexto de “A Cor da Ternura\*”. A literatura negra, os estudos de gênero e as teorias sobre racismo estrutural no Brasil servirão como base teórica para guiar a análise crítica da obra. Autores como Silvio Almeida, Grada Kilomba e Angela Davis são referências essenciais, oferecendo um olhar interseccional sobre as opressões vividas por mulheres negras, onde gênero e raça estão profundamente entrelaçados. Além disso, estudos sobre análise do discurso e teorias feministas negras serão utilizados para entender como o discurso literário pode funcionar como uma forma de resistência ao racismo. Na análise do discurso, ethos discursivo e cenografia usamos como base teórica para guiar a análise seguimos as teorias de autores como Maingueneau e Fernanda Mussalim.

Essa revisão permitirá não só um embasamento teórico robusto, mas também o desenvolvimento de um olhar crítico e atento para identificar as estruturas discursivas que moldam as representações na obra. A abordagem interseccional, que une gênero e raça, é essencial para compreender as camadas de significado que estão presentes no discurso da protagonista Geni Guimarães.

#### 4.3 Os procedimentos analíticos

Os procedimentos analíticos tiveram por base o estudo de Melo (2018). As etapas estão descritas a seguir:

- ★ Seleção de Enunciações-Chave: Primeiramente, serão selecionados os trechos da obra que mais evidenciam a luta contra o racismo e a construção do ethos feminino. Essa seleção será baseada nos momentos em que o discurso da protagonista expressa suas estratégias de resistência ao racismo, revelando como ela articula sua identidade em um ambiente opressor.
- ★ Foco na resistência ao racismo: O foco central da análise será a forma como o discurso literário evidencia o racismo antinegro e as estratégias de resistência das personagens negras. Em particular, será investigado como o ethos feminino da protagonista é moldado pela necessidade de resistência, e como suas práticas discursivas revelam formas de sobreviver e desafiar as opressões que a cercam.

A análise discursiva mobilizou os conceitos de ethos discursivo e cenografia de Dominique Maingueneau (2006). A construção do ethos feminino foi analisada com foco em como o discurso da protagonista constrói sua identidade enquanto mulher negra, navegando por um ambiente social que a marginaliza tanto pelo racismo quanto pelo machismo. Por seu turno, o conceito de ethos discursivo, conforme proposto por Maingueneau, foi utilizado para analisar como a protagonista molda sua imagem de si mesma e como ela se apresenta ao mundo.

A cenografia, que diz respeito ao cenário simbólico em que o discurso ocorre, será explorada para entender como o ambiente narrativo contribui para a construção do ethos feminino. Através dessa análise, foi possível identificar como a linguagem da obra revela as estruturas sociais que tentam silenciar a protagonista, e como ela responde a essas forças através de suas práticas discursivas.

A fase final da análise envolveu uma interpretação crítica dos dados discursivos obtidos. Foram investigadas as dimensões ideológicas que permeiam o discurso literário de Geni Guimarães, e conexão entre linguagem e racismo no discurso literário através da análise discursiva da manifestação do ethos referente a mulher negra brasileira, com especial atenção para os mecanismos de opressão racial e de gênero que impactam a vida da protagonista.

## 5. Linguagem e racismo em “A cor da ternura”: *ethos*, cenografia e raça no discurso literário

Este capítulo abordará linguagem e racismo em “A cor da ternura”: *ethos*, cenografia e raça no discurso literário a partir da perspectiva de Dominique Maingueneau.

De acordo com Dominique Maingueneau, o *ethos* discursivo se refere à imagem construída pelo sujeito falante através do discurso, expressando traços de caráter que são percebidos pelo interlocutor.

Na obra A Cor da Ternura. Geni, a personagem, é apresentada como uma menina negra cujas memórias revelam as cicatrizes do racismo estrutural e a luta por reconhecimento e dignidade. A obra não é apenas um relato autobiográfico, mas também um manifesto que busca questionar e reescrever as narrativas dominantes sobre a história e a identidade negra no Brasil.

No caso da obra de Guimarães, a construção do *ethos* discursivo da protagonista está intimamente ligada à sua identidade de mulher negra em uma sociedade racista.

A trajetória da protagonista de A Cor da Ternura reflete a experiência comum de muitas mulheres negras brasileiras que, desde a infância, enfrentam o racismo de forma cotidiana, naturalizada, mas profundamente dolorosa. Ao narrar suas memórias, Geni Guimarães nos faz mergulhar em um universo de discriminação e exclusão, mas também de resistência, onde o *ethos* discursivo da protagonista se constrói gradativamente.

É interessante observar como a autora utiliza uma linguagem lírica e ao mesmo tempo contundente para descrever as injustiças que marcam a vida da personagem. Desde os primeiros episódios de exclusão, a protagonista vai acumulando um entendimento sobre sua condição de mulher negra em um espaço que não reconhece nem valoriza sua identidade.

O trecho em que a personagem não é escolhida para recitar na escola, mesmo tendo levantado a mão, é emblemático:

"Devia ser dia 10 ou 11 do mês de maio. A dona Cacilda, logo após o recreio, disse-nos: – No dia 13 agora, vamos fazer uma festinha pra Princesa Isabel, que

libertou os escravos. Quem quer recitar? Levantei a mão, que timidamente luzia negritude em meio a cinco ou seis mãozinhas alvas, assanhadas. Não fui escolhida." (Guimarães, 1998, p. 61)

Essa cena sintetiza a dinâmica de exclusão racial no ambiente escolar. A cena é carregada de simbolismo: a imagem da "mãozinha negra" que, em meio às outras mãos brancas, não é escolhida, produz o lugar de marginalização da negritude. A escola, que deveria ser um espaço de aprendizado e inclusão, torna-se aqui um cenário de perpetuação de desigualdades. A personagem, ainda criança, começa a perceber sua invisibilidade social. Sua mão erguida, que "luzia negritude", não é vista, como se sua presença fosse ignorada ou desvalorizada.

### 5.1 Contexto Histórico do 13 de maio de 1888

O dia 13 de maio de 1888 marcou a assinatura da Lei Áurea, pela princesa Isabel, que formalmente aboliu a escravidão no Brasil.

A assinatura da Lei Áurea foi resultado de um movimento abolicionista crescente, que incluía pressão internacional, resistência e fugas dos próprios escravizados, além de mobilizações sociais dentro do Brasil.

Esse movimento foi alimentado por diversas forças, incluindo a pressão internacional, principalmente de países que já haviam abolido a escravidão e que exerciam influência diplomática sobre o Brasil. Internamente, a resistência dos escravizados desempenhou um papel importante, as fugas, formação de quilombos e rebeliões, demonstrando a contínua luta pela liberdade. Além disso, a mobilização de setores da sociedade brasileira, como intelectuais, jornalistas, políticos, e a população em geral, foi fundamental para aumentar a pressão sobre o governo.

As campanhas abolicionistas também contaram com a participação ativa de muitos que, conscientes das injustiças do sistema escravista, se empenharam em promover a causa abolicionista. Discursos, artigos e manifestações públicas foram algumas das ferramentas utilizadas para conscientizar a população e pressionar o governo imperial. As ações das associações abolicionistas e a adesão de figuras públicas influentes contribuíram significativamente para o avanço do movimento.

A abolição da escravidão no Brasil em 1888 foi o resultado de uma conjunção de esforços internacionais e nacionais, de movimentos de resistência e de uma crescente mobilização social.

## 5.2 Limitações e consequências da Lei Áurea

Embora a Lei Áurea tenha abolido formalmente a escravidão, ela não ofereceu nenhum tipo de apoio ou compensação aos ex-escravizados que viviam no Brasil na época. Diferente de outras nações que implementaram programas de integração social para ex-escravizados, o Brasil não proporcionou políticas públicas ou medidas para garantir a inserção social, econômica e educacional dessa população. Com isso, a maioria dos libertos ficou sem acesso a terras, empregos ou qualquer forma de sustento, o que perpetuou as condições de pobreza e marginalização.

Os ex-escravizados continuaram a enfrentar discriminação, racismo e exclusão. Sem acesso a direitos fundamentais, muitos foram forçados a aceitar trabalhos em condições quase análogas à escravidão ou a viver na extrema pobreza. Essa realidade revela que a abolição foi um processo incompleto, incapaz de desfazer os séculos de exploração e opressão.

A celebração do 13 de maio no ambiente escolar, descrita pelo episódio em que a protagonista Geni não é escolhida para recitar, representa a perpetuação de uma narrativa oficial que glorifica a assinatura da Lei Áurea sem considerar suas limitações e os desafios subsequentes enfrentados pelos negros. Ao descrever o simbolismo da "mãozinha negra" não escolhida, Geni Guimarães traz à tona a crítica à forma como a história é contada, silenciando as resistências e lutas dos próprios negros e enfatizando uma falsa ideia de liberdade concedida por "benevolência" da monarquia.

A obra questiona essa narrativa ao mostrar como Geni, uma criança negra, percebe sua exclusão e invisibilidade, não apenas na escola, mas na sociedade como um todo. Esse episódio ilustra como muitas vezes o sistema educacional e as comemorações cívicas reforçam a marginalização da população negra ao não reconhecer plenamente o papel ativo dos negros na luta pela liberdade e a continuidade das injustiças após a abolição.

### 5.3 Implicações para a construção do Ethos Discursivo

A construção do ethos discursivo é fundamental para compreender como as personagens de Geni Guimarães desenvolvem suas identidades e resistem às adversidades impostas pelo racismo. Explorando as implicações do ethos na narrativa, foi observado como as protagonistas se afirmam através de seus discursos e ações. Destacamos a importância das interações familiares, do contexto social e das memórias afetivas na formação do caráter e na resistência contra a opressão. O trecho a seguir oferece uma visão comovente e íntima da relação entre mãe e filha, destacando a importância do vínculo afetivo e da construção identitária dentro desse contexto.

“Minha mãe sentava-se numa cadeira, tirava o avental e eu ia, colocava-me entre suas pernas, enfiava as mãos no decote do seu vestido, arrancava dele os seios e mamava em pé.” [...] Mãe, a senhora gosta de mim?” [...] “Mãe, se chover água de Deus, será que sai a minha tinta?” [...] Tinta de gente não sai. Se saísse [...] você ficava branca e eu preta”. [...]“Mentira , boba. Vou ficar com esta tinta mesmo. Acha que eu ia deixar você sozinha? Eu não. Nunca, nunquinha mesmo, tá?” (Guimarães, 1998, p.09-10)

Ao analisar a cena inicial, onde a mãe senta-se na cadeira e a filha mama em pé, podemos ver que é carregada de simbolismo. Esse ato, que poderia ser visto como um gesto de cuidado e nutrição, transcende o físico e se torna uma representação do vínculo profundo entre mãe e filha. A intimidade dessa interação, com as mãos da filha no decote do vestido da mãe, sublinha a conexão visceral e inquebrável que existe entre as duas. Este momento é uma demonstração clara do ethos feminino centrado no cuidado e na proximidade.

Esse trecho revela uma narrativa profundamente sensível e próxima da relação entre mãe e filha, destacando a importância do vínculo afetivo e da construção identitária dentro desse contexto. Nesta cena a figura materna é central, e sua presença carinhosa e protetora é fundamental na formação da autoestima e da aceitação da filha. A narrativa capta momentos de ternura e diálogo que revelam tanto a simplicidade quanto a profundidade dessas interações.

A questão da filha, "Mãe, a senhora gosta de mim?", revela uma busca por afirmação e segurança emocional. A resposta da mãe é um exemplo de como o ethos feminino se manifesta através do amor incondicional e do apoio constante. Mesmo diante de uma pergunta que pode parecer inocente, a mãe responde com paciência e carinho, reforçando o valor e a importância da filha.

A conversa sobre a "tinta" que não sai quando chove é particularmente poderosa. A filha pergunta se, ao chover, sua cor poderia desaparecer, o que reflete uma internalização do racismo e do desejo, mesmo que inconsciente, de escapar do preconceito. A resposta da mãe, afirmando que a "tinta de gente não sai", é um ato de resistência e aceitação. Ela reafirma a identidade racial da filha como algo intrínseco e imutável, algo que deve ser aceito e celebrado.

A interação culmina com a filha afirmando que não trocaria sua cor e nunca deixaria a mãe sozinha, "Nunca, nunquinha mesmo, tá?". Esta reafirmação de compromisso e amor mútuo é um exemplo do ethos feminino na narrativa, que se centra na solidariedade, na aceitação e no amor incondicional. A filha reconhece e aceita sua identidade racial, não apenas como uma característica física, mas como uma parte essencial de seu vínculo com a mãe e de sua própria identidade.

A cenografia desse trecho é notável. O ambiente doméstico, com a mãe sentada na cadeira e a filha entre suas pernas, oferece um cenário de segurança e intimidade. Este espaço privado é onde as identidades são afirmadas e celebradas, longe das pressões e do preconceito do mundo exterior. A casa torna-se um santuário onde a mãe pode transmitir valores de aceitação e resistência à filha, protegendo-a e fortalecendo-a para enfrentar as adversidades externas.

Através da escrita sensível e poderosa de Geni, é possível retratar não apenas as dificuldades enfrentadas pelo racismo, mas também a beleza e a força das relações familiares que sustentam e nutrem a identidade. A mãe e a filha, através de suas interações, exemplificam um ethos feminino que é ao mesmo tempo resiliente e terno, mostrando que o amor e a aceitação mútua são fundamentais para a construção de uma identidade positiva e empoderada.

Dessa forma, a análise do *ethos* da protagonista de Geni Guimarães reflete não apenas suas experiências pessoais de exclusão, e injustiças estruturais que permeiam a sociedade. Ou situações cotidianas de rejeição e marginalização, como a cena em que Geni é preterida durante a celebração do 13 de maio, que ilustram

como a resistência e a construção de identidade são processos contínuos e desafiadores.

Discutindo como o *ethos* da protagonista é moldado, que não é só pelas experiências de exclusão, que marca um despertar para as injustiças raciais.

Ao mesmo tempo, demonstra que a rejeição sofrida pelos negros não é apenas um evento isolado, mas uma manifestação de um sistema que continuamente marginaliza a presença negra, refletindo as desigualdades estruturais que se perpetuaram desde a abolição. O episódio que é narrado no trecho que será apresentado a seguir serve para mostrar como a narrativa de resistência é construída a partir das pequenas lutas cotidianas e da constante reafirmação de sua identidade diante de uma história oficial que tenta apagá-la. “Levantei a mão, que timidamente luzia negritude em meio a cinco ou seis mãozinhas alvas, assanhadas. Não fui escolhida.” (Guimarães, 1998, p. 61) Nessa cena em que Geni não é escolhida para recitar durante a celebração do 13 de maio, a exclusão da “mãozinha negra” em meio às “mãozinhas alvas” foi descrita como um elemento de cenografia que reflete a marginalização sistemática no ambiente escolar. Essa imagem representa a invisibilidade e a desvalorização das pessoas negras, enquanto o *ethos* da protagonista vai sendo construído como uma forma de resistência e questionamento das normativas raciais vigentes

Ao mesmo tempo, esse episódio constrói um *ethos* de resiliência. A personagem não é apenas uma vítima passiva das circunstâncias; a dor da rejeição vai se convertendo em uma força que a acompanhará durante toda a vida. A partir desse momento, a protagonista começa a perceber que a luta pela sua própria existência será contínua. Esse episódio é uma das primeiras demonstrações de que o *ethos* da personagem está profundamente ligado à sua capacidade de resistir e de se afirmar em um mundo que a rejeita.

Ao destacar o trecho a seguir, podemos ver uma imagem positiva e empoderadora, exemplificada pela idealização da figura materna pela menina, onde se manifesta o respeito e o amor mútuo. Guimarães (1998) oferece uma nova perspectiva sobre a personagem negra. Essa representação ressalta a dignidade e a força presentes nas relações familiares, como vemos no trecho a seguir.

“Ela era linda. Nunca me cansei de olhá-la. O dia todo arrastava os chinelos pela casa. Ia e vinha [...] Quando me pegava no flagra, bebendo seus gestos, esboçava um riso calmo, curto [...] Revivia o riso dela mil vezes e à noite deitava-me mais cedo para pensar no doce cheiro de terra e mãe.” (Guimarães, 1998, p. 13).

Esse trecho destacado revela uma profunda apreciação pela figura materna, destacando o ethos feminino de forma sublime e sensível. A personagem menina observa a mãe com uma admiração quase reverencial, capturando cada gesto e movimento com um olhar carregado de afeto e respeito. A descrição da mãe, “Nunca me cansei de olhá-la”, denota uma figura que transcende o cotidiano, tornando-se um símbolo de beleza e força para a criança. Essa observação constante e o deleite em pequenos detalhes, como o “riso calmo, curto” da mãe, evidenciam uma conexão profunda e íntima entre as duas. A mãe não é apenas uma figura autoritária ou distante, mas sim uma presença reconfortante e amorosa, cuja simples existência traz sentido e alegria à vida da filha. A memória do “doce cheiro de terra e mãe” à noite, antes de dormir, ilustra como a presença materna está enraizada na identidade e nas emoções da personagem, oferecendo um porto seguro em meio às adversidades do racismo e do preconceito que permeiam sua vida.

Através deste trecho, Guimarães (1998) apresenta uma nova visão da personagem negra, enfatizando sua humanidade e a riqueza de suas relações afetivas. O ethos feminino aqui é construído a partir da idealização e respeito mútuo, mostrando uma narrativa de empoderamento e valorização da identidade negra. A mãe, com seus gestos simples e seu riso tranquilizador, torna-se um pilar de resistência e amor, evidenciando como a literatura pode trazer à tona a beleza e a complexidade das experiências afro-brasileiras.

Esse trecho da obra de Geni Guimarães não só revela as dificuldades enfrentadas pelos afrodescendentes, como também enaltece as qualidades e virtudes dos indivíduos negros, oferecendo uma representação positiva e inspiradora que contribui para uma sociedade mais consciente e inclusiva. Através da memória e das emoções, a escritora constrói um ethos feminino que desafia estereótipos e celebra a resistência e o amor presentes na vida cotidiana das mulheres negras.

O trecho a seguir da obra de Geni Guimarães traz uma narrativa profundamente emotiva, onde a saudade se manifesta como um sentimento intenso

e genuíno. A personagem expressa uma nostalgia pelos momentos de cuidado e carinho materno, destacando a importância do amor e do apoio da mãe em sua vida.

“Eu tinha era saudade. Saudade dos meus detalhes perdidos. Do meu colo, da minha comida servida na boca. Do meu espaço para perguntar besteiras como diziam eles. Dos olhares carinhosos. Da minha mãe dizendo ‘Descasca uma laranja pra menina, Deixa que eu penteio o cabelo dela, Mais coberta pra menina não passar frio’...” (Guimarães, 1998, p. 24)

Esse trecho é uma imersão profundamente sensível na experiência de saudade, especificamente centrada na figura materna. A narradora evoca um sentimento de perda pelos detalhes minuciosos que compunham seu dia a dia ao lado da mãe, detalhes esses que, mesmo aparentemente pequenos, carregam um peso emocional significativo. A descrição do "colo", da "comida servida na boca" e dos "olhares carinhosos" cria um retrato vívido da intimidade e do carinho que permeavam sua relação com a mãe.

No contexto da citação de Cuti, que discute a importância da memória e das experiências emocionais na literatura negro-brasileira, o trecho de Guimarães exemplifica como essas memórias se manifestam de maneira concreta e emocionalmente carregada. O ethos feminino aqui é construído a partir da figura da mãe, que não só proporciona cuidado físico, mas também um profundo conforto emocional. A mãe é descrita como um pilar de segurança e carinho, cujo amor é expresso através de gestos cotidianos e palavras de cuidado.

A cenografia do trecho é igualmente impactante. O espaço doméstico descrito – o colo, a casa, os pequenos atos de cuidado – oferece um contraste com o mundo exterior, onde o racismo e o preconceito são realidades constantes. Dentro desse espaço, a personagem encontra um refúgio de amor e aceitação. A frase "mais coberta pra menina não passar frio" não é apenas uma instrução prática, mas um símbolo do desejo constante da mãe de proteger e confortar sua filha.

Esse ethos feminino, centrado na figura materna, ressoa profundamente com a experiência afro-brasileira, onde a família e as relações intergeracionais desempenham um papel crucial na formação da identidade e na resistência contra as opressões externas. A mãe, com seus gestos simples e generosos, se torna uma

âncora emocional, uma figura de resistência silenciosa contra as adversidades que a filha enfrenta.

A figura materna, com seus gestos de cuidado e proteção, torna-se um símbolo de resistência e amor, mostrando que mesmo diante do racismo e da opressão, há espaço para a ternura e a força interior.

O ethos feminino, construído a partir da figura materna e da resistência cotidiana das mulheres negras, ressoa profundamente nas páginas de suas obras, oferecendo uma representação autêntica e empoderadora.

Esse ethos feminino, construído a partir do carinho e da proteção materna, enriquece a narrativa de Guimarães, oferecendo uma representação positiva e empoderadora das mulheres negras. Através de suas palavras, a autora nos convida a refletir sobre a importância do amor e do cuidado na construção de uma identidade forte e resiliente, revelando a beleza e a profundidade das experiências afro-brasileiras. Geni Guimarães nos mostra que, mesmo em meio às adversidades, há espaço para a ternura e o afeto, que são fundamentais para a resistência e a autoafirmação.

A escrita de Guimarães, ao trazer à tona essas memórias e experiências, oferece uma visão humanizada e autêntica da vida das mulheres negras. Ela revela não apenas as dificuldades enfrentadas devido ao racismo e ao preconceito, mas também celebra a resiliência e o amor que permeiam suas vidas. A literatura de Geni Guimarães cumpre, assim, um papel essencial ao proporcionar uma voz às experiências e emoções negras, desafiando estereótipos e promovendo uma compreensão mais profunda e inclusiva da sociedade.

#### 5.4 Racismo e autoestima: a luta interna da protagonista

O impacto psicológico do racismo, especialmente na infância, é uma das principais temáticas da obra. A protagonista, ao longo de sua trajetória, lida com o peso da discriminação e das expectativas negativas impostas sobre ela por ser uma mulher negra. Esses fatores influenciam sua autoestima e moldam suas experiências de vida.

O racismo não apenas desumaniza, mas também distorce a forma como a protagonista se vê e é vista pelos outros. Em uma das cenas mais impactantes da

obra, a autora retrata o conflito interno da personagem ao ouvir a narrativa distorcida sobre os escravos na sala de aula:

"Escravos eram negros que vinham da África. Aqui eram forçados a trabalhar, e pelos serviços prestados nada recebiam. Eram amarrados nos troncos e espancados às vezes até a morte. [...] Vi que sua narrativa não batia com a que nos fizera a Vó Rosália. Aqueles eram bons, simples humanos, religiosos. Eram bobos, covardes, imbecis...[...] não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos. Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão e desprezo!" (Guimarães, 1998, p. 65)

Aqui, Geni Guimarães nos oferece uma reflexão poderosa sobre a desumanização dos escravizados e a perpetuação dos estereótipos raciais. A narrativa oficial, ensinada na escola, não apenas distorce a realidade da escravização, mas também afeta diretamente a forma como a protagonista se vê e os demais alunos veem os negros. A sensação de isolamento e desconforto vivida pela personagem nesse momento é um reflexo da construção de um *ethos* marcado pela desconfiança e pelo desconforto com a própria identidade.

A autora utiliza esse momento para questionar a historiografia oficial e revelar as feridas profundas que o racismo impõe. A imagem dos escravizados como "bobos, covardes e imbecis" é uma visão distorcida que desumaniza os negros e justifica a violência sofrida. O *ethos* da protagonista se constrói em oposição a essa narrativa, na medida que ela busca reverter a visão negativa sobre seu povo e de si mesma. A autora, através de sua personagem, desafia essas representações e constrói uma narrativa de resistência ao racismo.

A trajetória da personagem é uma jornada de autoconhecimento e resistência. No começo da narrativa, ela é uma menina que sente na pele os efeitos do racismo e da discriminação, sendo frequentemente levada a questionar seu próprio valor. Entretanto, ao longo de sua vida, através das experiências e lutas cotidianas, Geni vai se transformando em uma mulher que não apenas reconhece seu valor, mas também se recusa a aceitar os lugares de subalternidade que a sociedade tenta lhe impor. Esse processo de empoderamento é acompanhado pela valorização de sua

cor e de suas raízes, uma mudança que se reflete em suas escolhas, em suas palavras e na forma como se posiciona no mundo. A transformação de personagem é, portanto, uma demonstração do poder da resistência e da importância de honrar a história e a cultura negra, mesmo diante das adversidades.

“[...] Não tenho nada com isso, mas vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo, estudar filho é besteira. [...]— É que eu não estou estudando ela para mim — disse meu pai. — É pra ela mesma.”  
(Guimarães, 1998, p. 73).

O trecho apresentado acima oferece uma visão dolorosa e realista das dificuldades enfrentadas pelos negros devido ao racismo e aos preconceitos enraizados na sociedade. A frase "vocês de cor são feitos de ferro" é particularmente desumanizadora, reduzindo os indivíduos negros a meros instrumentos de trabalho, capazes de suportar qualquer adversidade sem fragilidades. Essa declaração, repleta de preconceito, perpetua a ideia de que as pessoas negras existem apenas para servir e trabalhar nas piores condições, negando-lhes a humanidade e os direitos fundamentais.

A cenografia desse trecho é crucial, pois o ambiente onde ocorre a fala revela um espaço de opressão e subjugação, onde a hierarquia racial é mantida através de discursos discriminatórios.

O impacto do racismo é profundo e multifacetado. Ao perpetuar a ideia de que o "lugar" das pessoas negras é na lavoura e que a educação para seus filhos é "besteira", o discurso racista não só limita as oportunidades de ascensão social e intelectual, mas também tenta corroer a autoestima e a dignidade dos indivíduos negros. No entanto, a resistência e a construção de identidade emergem como forças poderosas contra essas adversidades. Através da memória e da vivência, os personagens de Guimarães encontram maneiras de afirmar sua humanidade e lutar contra a opressão.

A frase seguinte, “o lugar de vocês é dar duro na lavoura”, reforça essa desumanização ao restringir os negros a posições subalternas na sociedade, desvalorizando suas capacidades intelectuais e aspirações. O impacto do racismo aqui é evidente: ele limita as oportunidades de ascensão social e intelectual, além de

tentar corroer a autoestima dos indivíduos negros ao negar-lhes o acesso ao conhecimento.

No entanto, a resposta do pai da protagonista, “É que eu não estou estudando ela para mim — disse meu pai. — É pra ela mesma”, é um ato poderoso de resistência e afirmação. Esta resposta desafia diretamente a visão racista que tenta relegar os negros a funções inferiores e sem perspectiva de crescimento. O pai reconhece o valor intrínseco da educação para o desenvolvimento pessoal e futuro de sua filha, posicionando-se contra a opressão e reafirmando sua crença na capacidade e no potencial de sua filha.

Esse momento é emblemático da resistência contra o racismo. Ele mostra como a família pode ser um baluarte de apoio e incentivo. Ao insistir na importância da educação, o pai da protagonista luta contra a opressão e abre caminho para um futuro melhor para sua filha, mostrando que o amor e a determinação podem superar as barreiras impostas pelo racismo.

A cenografia deste trecho é fundamental para entender o contexto de luta e resiliência dos personagens. A conversa acontece em um ambiente onde os preconceitos estão enraizados, mas também onde a resistência e a esperança estão presentes. O pai, ao insistir na educação da filha, cria um espaço de resistência dentro desse ambiente hostil, demonstrando que é possível lutar contra o racismo e buscar um futuro melhor.

Portanto, a análise deste trecho revela como o racismo impacta profundamente a vida das pessoas negras, tentando limitá-las e desumanizá-las. No entanto, também destaca a importância da resistência e da construção de identidade. Através de pequenas, mas poderosas ações, como a insistência na educação, os personagens encontram maneiras de afirmar sua humanidade e desafiar a opressão. Geni Guimarães, ao trazer estas questões à tona, oferece uma visão humanizada e autêntica das lutas e das conquistas da comunidade negra, promovendo uma reflexão profunda sobre as questões raciais e a importância da resistência e da educação na luta contra o racismo.

Ao expor essas realidades a literatura de Geni Guimarães, convida o leitor a refletir sobre as complexidades do racismo e da resistência. A autora não apenas denuncia as injustiças, mas também celebra a força e a resiliência de sua comunidade.

Assim, a obra de Geni Guimarães cumpre um papel importante na promoção da consciência e inclusão social, ao dar voz às experiências e emoções negras de maneira verdadeira e impactante. Sua escrita revela a profundidade dos sentimentos e a riqueza das experiências afro-brasileiras, desafiando estereótipos e promovendo uma visão mais justa e humanizada da sociedade.

### 5.5 A educação como ferramenta de superação

A educação surge em “A cor da ternura” como um caminho de emancipação para a protagonista. Em meio às dificuldades impostas pelo racismo e pelas limitações socioeconômicas, a personagem encontra na educação uma forma de escapar das condições que aprisionam sua família e sua comunidade. Quando a protagonista expressa o desejo de se tornar professora, encontramos uma ruptura simbólica com a narrativa de subserviência que a sociedade impõe às pessoas negras. O diálogo com o pai é revelador nesse sentido:

"Vou ser professora – falei num sopro. Meu pai olhou-me como se tivesse ouvido blasfêmias. \_Ah! Se desse certo.... Nem que fosse pra eu morrer no cabo da enxada. – Olhou-me com ar de consolo. – Bem que inteligência não te falta."  
(Guimarães, 1998, p. 72)

Nesse trecho, a protagonista dá voz a um desejo que parece impossível para muitos em sua condição, mas que para ela simboliza uma forma de resistência e superação. A fala de seu pai reflete o contexto de uma família negra que vê a educação como algo distante, mas que também enxerga nesse sonho uma possibilidade de transformação. Esse desejo de "ser professora" é uma metáfora para a luta pelo reconhecimento e pelo direito de sonhar e de ocupar espaços que antes pareciam inacessíveis.

Esse desejo de ser professora pode ser analisado como uma ruptura simbólica com a expectativa colonial e racista de que mulheres negras ocupem apenas espaços de subserviência. Apresentando a educação na narrativa como uma ferramenta de emancipação e transformação pessoal e coletiva, e o desejo de Geni é visto como uma forma de lutar por um futuro melhor não apenas para ela, mas para toda a sua família.

No entanto, a educação, na obra, é tratada não apenas como uma forma de ascensão social, mas como uma ferramenta de autovalorização e de construção de uma identidade forte e consciente. A narrativa de Geni Guimarães sugere que a educação é o caminho para quebrar as correntes da opressão e alcançar a verdadeira liberdade, mas não vem a ser a única.

O *ethos* discursivo da protagonista, ao desejar ser professora, é moldado pela visão de transformação pessoal e coletiva. Ela não busca apenas um futuro melhor para si mesma, mas também para sua família e sua comunidade.

O desejo da protagonista de se tornar professora é impulsionado por uma profunda visão de transformação pessoal e coletiva. Ela compreende que sua própria educação e realização profissional não são apenas para benefício próprio, mas também para inspirar e elevar sua família e comunidade. No entanto, essa nobre missão é constantemente desafiada pela realidade do racismo sistêmico. Apesar de ter conquistado um diploma, ela enfrenta barreiras adicionais ao buscar emprego, onde é julgada e subestimada pela direção das escolas e por outros profissionais por conta da sua cor. Esse confronto diário com o preconceito ressalta a dureza de sua jornada e a resiliência necessária para continuar lutando por um futuro mais justo e igualitário para todos ao seu redor.

Mesmo com o diploma nas mãos, os desafios da protagonista não se encerram. Ao buscar um emprego, ela enfrenta o racismo direto e velado da direção das escolas e dos demais profissionais da área, que a julgam incapaz devido à sua cor. Vejamos no trecho selecionado a seguir:

"No pátio do estabelecimento, tentando engolir o coração para fazê-lo voltar ao peito, suportei o olhar duvidoso da diretora e das mães, que, incrédulas, cochichavam e me despiam em intenções veladas. Só faltaram pedir-me o certificado de conclusão 'para simples conferência'." (Guimarães, 1998, p. 87).

Após conquistar o emprego, os desafios se transferem para a sala de aula. Logo nos primeiros dias, uma de suas alunas para na porta da sala, relutante em entrar, e começa a chorar, dizendo: "[...] Eu tenho medo de professora preta — disse-me ela, simples e puramente." (Guimarães, 1998, p. 87). Agora, a protagonista enfrenta uma nova batalha pela aceitação, tanto por parte dos alunos quanto de seus colegas.

Este trecho destaca a realidade cruel e persistente do racismo, que se infiltra em todas as esferas da vida da protagonista, desde a busca por trabalho até o exercício de sua profissão. O olhar duvidoso da diretora e das mães, assim como os cochichos, revelam uma sociedade ainda permeada por preconceitos que subjugam a competência e o valor de uma pessoa apenas pela cor de sua pele.

Entretanto, a resistência da protagonista é igualmente marcante. A resposta de seu pai, insistindo que a educação era para ela mesma, e sua própria determinação em conquistar um espaço na educação, mostram uma força interior e um compromisso com a superação das adversidades. A cena na sala de aula, onde a criança expressa medo da professora por ser negra, evidencia como o racismo é internalizado desde a infância, mas também aponta para a responsabilidade da protagonista em educar e transformar essas percepções.

A luta pela aceitação não é fácil, mas a protagonista demonstra resiliência ao enfrentar esses desafios de frente. Sua trajetória é um testemunho do poder da resistência e da importância da educação na luta contra o racismo. Através de seu exemplo, Geni Guimarães mostra que, apesar das barreiras, é possível transformar a dor em força e a discriminação em oportunidades de crescimento e mudança.

Este processo de resistência e superação é fundamental para a construção de uma identidade forte e confiante. A protagonista, mesmo diante das adversidades, continua a se afirmar e a reivindicar seu lugar, desafiando os preconceitos e mostrando que o conhecimento e a persistência são armas poderosas contra o racismo.

## 5.6 O triunfo e o reconhecimento

Neste trecho, Geni Guimarães nos apresenta uma jornada de crescimento e autoconstrução da personagem feminina negra, destacando sua resiliência e determinação em meio às adversidades. A autora traça uma trajetória que vai além das conquistas acadêmicas, revelando também os desafios sociais e culturais enfrentados. Através de uma série de descrições, Guimarães enfatiza o processo de transformação contínua da mulher, que busca se afirmar e encontrar seu espaço num mundo cheio de preconceitos e imposições. Esse caminho é ilustrado de forma poética e poderosa, conforme demonstrado na trecho a seguir:

“Mulher, terminando o ginásio.

Mulher, cursando o normal, a caminho do professorado, cumprindo o prometido.

Mulher, se fazendo, sob imposições, buscando forças para ser forte.

Mulher, cuidando da fala, misturando palavras, pronúncias suburbanas aos mil modos de sinônimos rolantes no tagarelar social requintado.

Mulher, jogando cintura, diante das coações e preconceitos.

Mulher, contudo e apesar, a um passo do tesouro: o cartucho de papel.”

(Guimarães, 1998 p. 81).

Esse trecho de Geni Guimarães retrata de forma poderosa o processo contínuo de autoconstrução e afirmação da personagem feminina negra. A repetição da palavra “Mulher” no início de cada frase enfatiza a identidade feminina como um núcleo central em sua jornada, destacando diferentes fases e desafios enfrentados ao longo do caminho. Este trecho revela a luta constante pela aceitação e pela autoestima, demonstrando o ethos feminino em sua essência mais pura e resiliente.

A personagem é descrita em diversas etapas de sua vida, cada uma carregada de significado e esforço. “Mulher, terminando o ginásio” e “Mulher, cursando o normal, a caminho do professorado, cumprindo o prometido” indicam uma progressão educacional significativa, sugerindo uma busca incessante por melhorias pessoais e profissionais. Esse percurso educacional é particularmente importante, pois vai contra a narrativa opressora que frequentemente tenta limitar o acesso das pessoas negras ao conhecimento e à ascensão social.

“Mulher, se fazendo, sob imposições, buscando forças para ser forte” reflete a resiliência necessária para enfrentar as imposições sociais e raciais. A personagem não se deixa abater pelas dificuldades; ao contrário, ela busca forças dentro de si mesma para resistir e prosperar. Este é um testemunho do ethos feminino, que combina força interior com uma luta incessante por reconhecimento e respeito.

O trecho “Mulher, cuidando da fala, misturando palavras, pronúncias suburbanas aos mil modos de sinônimos rolantes no tagarelar social requintado” destaca a habilidade da personagem de navegar entre diferentes contextos sociais. Aqui, a adaptação linguística é um símbolo de resistência e de capacidade de se moldar às diversas situações impostas pela sociedade, sem perder sua essência.

"Mulher, jogando cintura, diante das coações e preconceitos" simboliza a flexibilidade e a perseverança frente às adversidades e discriminações. A imagem de "jogar cintura" sugere uma habilidade de lidar com pressões externas de maneira habilidosa e graciosa, mantendo a dignidade e a autoconfiança.

Finalmente, "Mulher, contudo e apesar, a um passo do tesouro: o cartucho de papel" indica a proximidade de alcançar um grande objetivo, simbolizado pelo diploma, que representa não apenas uma conquista educacional, mas também uma vitória contra o preconceito e a opressão. Este passo final é a culminação de uma jornada de autoafirmação e resistência, onde a personagem negra se firma como sujeito de sua própria história, desafiando as limitações impostas pela sociedade.

Geni Guimarães exemplifica a complexa e bela jornada de uma mulher negra em busca de reconhecimento, identidade e autoestima.

No trecho apresentado a seguir, é mostrado uma cena central na obra, o momento da formatura da protagonista, pois representa o ápice de sua luta e o reconhecimento de sua força e perseverança. A formatura, nesse contexto, vai muito além de um evento simbólico; é o ponto culminante de uma jornada de resistência e de superação de inúmeras barreiras sociais e raciais.

"Meu pai, ao lado da minha mãe, estava pleno, altivo, sereno. Com os olhos, acompanhava todos os meus movimentos, engolindo salivas de prazer. [...] Levantaram e me aplaudiram em pé. Mãos abertas, barulhentas, livres. Meus irmãos, contagiados, perderam a timidez e também se puseram em pé, me aplaudindo e apontando, como se só eu existisse ali, como se no momento eu estivesse me apossando da chave do céu." (Guimarães, 1998, p. 83)

Quando Geni finalmente se forma, o evento é descrito como um momento de triunfo não apenas para ela, mas para toda a sua família. Os aplausos calorosos e as lágrimas de alegria de seus pais e irmãos refletem um reconhecimento público que transcende as barreiras sociais e raciais que ela enfrentou. A cena é carregada de simbolismo: o orgulho de sua família ao vê-la conquistar o diploma é uma forma de validação não apenas pessoal, mas coletiva. Nesse instante, Geni não está apenas celebrando uma realização acadêmica; ela está se apropriando de uma vitória que representa a superação das expectativas racistas que limitavam o futuro de pessoas negras. Essa conquista marca uma reafirmação de sua identidade como

mulher negra, rompendo com a invisibilidade social e reafirmando a importância de se orgulhar de quem ela é e de onde veio.

Essa cena de triunfo familiar simboliza a vitória não apenas da protagonista, mas de toda sua família. Ao ser aplaudida de pé, de forma calorosa, a personagem experimenta um momento de validação pública que transcende as limitações impostas pelo racismo e pela pobreza. O reconhecimento de sua conquista por sua família é profundamente comovente, especialmente quando contrastado com os momentos anteriores da narrativa, nos quais a protagonista foi silenciada e desvalorizada.

Essa passagem é também uma demonstração de como o *ethos* discursivo da protagonista está intrinsecamente ligado ao coletivo. Sua vitória é compartilhada por seus pais e irmãos, e o sentimento de orgulho e reconhecimento é sentido por todos. A imagem do “apossar-se da chave do céu” sugere que, ao conquistar o diploma, a personagem está abrindo novas portas, não apenas para si, mas para as futuras gerações de sua família. A educação, mais uma vez, aparece como o símbolo máximo de transformação e libertação.

#### 5.7 A transformação do *ethos* discursivo e a constituição da identidade negra

Ao longo de “A cor da ternura”, a transformação do *ethos* discursivo da protagonista é evidente. Ela passa de uma criança negra insegura e marginalizada para uma mulher negra que reconhece seu valor e que luta por seu espaço na sociedade. O *ethos* da protagonista é moldado por suas experiências de dor, mas também de resistência. A obra retrata essa trajetória de transformação de forma sensível, mostrando que a resistência ao racismo e à discriminação é um processo contínuo.

O *ethos* discursivo da protagonista, como mulher negra, também está profundamente conectado à sua negritude e ao legado histórico de seu povo. A personagem, ao longo de sua vida, vai descobrindo a importância de honrar suas raízes e de se orgulhar de sua cor.

O trecho a seguir apresenta um momento de conscientização e fortalecimento de sua identidade enquanto mulher negra.

O confronto com a narrativa escolar sobre a escravidão: nesta passagem Geni está na sala de aula e ouve a professora falar sobre os escravos de maneira

distorcida, retratando-os como "bobos, covardes e imbecis". Esse relato contrasta fortemente com as histórias que ela ouviu de sua avó, que falava dos africanos escravizados como "bons, simples humanos, religiosos", (Guimaraes, 1998, p. 65) enfatizando a humanidade e a dignidade daqueles que foram desumanizados pela escravidão. Esse momento é significativo porque, ao perceber a diferença entre a versão apresentada pela professora e a que ela conhece, Geni começa a questionar a narrativa oficial e a valorizar a sabedoria e as memórias transmitidas por seus ancestrais. Esse despertar crítico se torna um ponto de virada na sua trajetória, pois ela passa a compreender que sua história não se limita ao sofrimento imposto pela escravidão, mas é também uma história de resistência e espiritualidade que merece ser honrada e preservada.

. Esse processo de valorização da negritude é uma parte essencial da construção de seu ethos, que, ao final da obra, está marcado por um senso de empoderamento e de força coletiva.

A cor da ternura é uma obra profundamente envolvente e impactante, que nos oferece um retrato sincero e poderoso da vivência de uma mulher negra em uma sociedade racista. Através da trajetória da protagonista, Geni Guimarães constrói um ethos feminino e negro que é marcado pela dor, pela resistência e pela transformação. A protagonista, ao longo de sua vida, enfrenta inúmeras barreiras, mas sua força e sua determinação a levam a conquistar a validação e o reconhecimento que sempre buscou.

A análise do *ethos* discursivo da protagonista revela uma personagem cuja identidade está profundamente ligada à luta contra o racismo e à busca por um lugar de pertencimento. Através da educação, ela encontra um caminho para superar as limitações impostas pela sociedade, e sua vitória é compartilhada por sua família e por sua comunidade.

Essa narrativa de resistência e superação é um testemunho da importância de se contar histórias de mulheres negras que, apesar das adversidades, constroem suas próprias histórias e encontram formas de resistir e florescer. Geni Guimarães, em "A cor da ternura", nos oferece uma obra que, além de literária, é também um manifesto de resistência e de empoderamento.

## Considerações Finais

Esta monografia teve por objetivo principal analisar a conexão entre linguagem e racismo no discurso literário, através da análise discursiva da manifestação do *ethos* referente à mulher negra brasileira em “A Cor da Ternura” de Geni Guimarães. Buscamos entender de que forma o discurso literário na obra em foco interpela a protagonista negra em suas práticas de resistência, identificando os aspectos linguístico-discursivos que constituem o *ethos* feminino negro na referida obra literária.

Durante a análise, tornou-se evidente que a projeção de imagens de si – ou *ethos* – da mulher negra, ao ser incorporada ao discurso literário, materializa formas de resistência e afirmação cultural. Esta constatação está alinhada com os princípios da Lei Federal 10.639/2003, que reconhece a importância da literatura como um espaço de valorização das contribuições e dos desafios enfrentados pelas mulheres negras na sociedade brasileira. Nesse contexto, observou-se que a manifestação do *ethos* feminino negro no discurso literário não apenas revela como a linguagem é utilizada para resistir ao racismo, mas também constrói uma cultura de sobrevivência e resiliência. Essa conexão profunda entre linguagem, identidade, cultura e luta antirracista ficou evidenciada ao longo do estudo.

Ao focar na manifestação do *ethos*, esta monografia explorou como a identidade e o caráter das mulheres negras são construídos e representados no discurso literário. Partimos da premissa de que a literatura é um espaço de extrema relevância para a expressão das experiências e subjetividades das mulheres negras.

Ao investigar o *ethos*, analisamos como a identidade e o caráter dessas mulheres são construídos e representados no discurso literário, permitindo uma análise rica de como a linguagem é utilizada não apenas para resistir às opressões raciais, mas também para criar e preservar uma cultura de sobrevivência e resistência que ecoa e transcende gerações.

Realizar este estudo não foi apenas um exercício acadêmico, mas também uma jornada pessoal de busca por representatividade e um desejo de dar voz a quem frequentemente é silenciado. Este processo permitiu-me construir um espaço de escuta e valorização para as histórias e vivências de mulheres negras que, como eu, encontram na literatura uma forma de expressar suas realidades e de ressignificar suas experiências. O estudo da obra “A Cor da Ternura” revelou-se,

assim, uma homenagem à força e à resiliência dessas mulheres, evidenciando que, mesmo diante de adversidades e violências estruturais, a linguagem literária se mantém como uma ferramenta poderosa de empoderamento, resistência e transformação social.

Esta monografia é, portanto, mais do que uma análise acadêmica; é uma celebração da trajetória de resistência das mulheres negras e da capacidade da literatura em representar, de forma simbólica e concreta, suas lutas, esperanças e conquistas. Ao entregar este trabalho, reconheço a importância dessas representações e reforço o papel da literatura como um espaço de memória, de construção identitária e de visibilidade para aquelas que, historicamente, foram excluídas e sub-representadas nos textos e currículos oficiais.

Por fim, espero que esta pesquisa inspire uma reflexão mais profunda sobre o *ethos* feminino negro e as intersecções de raça, gênero e resistência na literatura brasileira. Que ela sirva como ponto de partida para futuras investigações acadêmicas, incentivando outros pesquisadores a explorar as temáticas de raça e gênero de forma mais abrangente e a compreender a importância de discutir a resistência, a resiliência e a luta das mulheres negras nas narrativas literárias. Com isso, espero contribuir para o fortalecimento do debate sobre a diversidade e a representatividade na literatura e na academia, promovendo um diálogo que valorize as vozes e as experiências das mulheres negras e reforce a importância de suas histórias.

## Referências bibliográficas:

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen.2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ALVES, Miriam. *A literatura negra feminina no Brasil – Pensando a existência*. Revista da ABPN, v. 1, n. 3 – nov. 2010 – fev. 2011, p. 181-189.

\_\_\_\_\_, Miriam. *Cadernos Negros (número 1): estado de alerta no fogo cruzado*. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org). *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza PUC Minas, 2002.

ANUNCIADA, Patricia. *Escrita de autoria negra feminina em destaque – Geni Mariano Guimarães*. 5 de outubro de 2020 Disponível < <https://blogueirasnegras.org/> > Acesso em:05 de ago. de 2024.

BRASIL, *Constituição Federal*. Brasília: Presidência da República, 1988.

BRASIL,*Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)*. Lei nº 9.394/96.

BRASIL, *Lei Nº 3.353*, DE 13 DE MAIO DE 1888. Declara extinta a escravidão no Brasil.

BRASIL. *Lei Nº 10.639*, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: . Acesso em: 01 de dez. de 2023.

BRASIL. *Lei Nº 14.532*, de 11 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 (Lei do Crime Racial), e o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar como crime de racismo e injúria racial, prevê pena de suspensão de direito em caso de racismo praticado no contexto de atividade esportiva ou artística e prever pena para o racismo religioso e recreativo e para o praticado por funcionário público. Acesso em: 03 de set. de 2023.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016(1981).

EVARISTO, Conceição. **Uma poética de nossa afro-brasilidade**. In: SILVA, Denise Almeida; EVARISTO, Conceição (Org.). **Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana**. Frederico Westphalen: URI, 2011. p. 45-55.

Geni Guimarães: **DADOS BIOGRÁFICOS. O portal da literatura afro-brasileira**  
Última Atualização: 13 Jul. 2024.

Disponível < <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/267-geni-guimaraes>> Acesso em: 15 de ago. de 2024.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate Sobre**

**Relações Raciais No Brasil: Uma Breve Discussão**. In: **Educação anti-racista:**

**caminhos pela Lei no 10.639/03**. Coleção Educação para Todos, 2005.

\_\_\_\_\_, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural**. Revista Brasileira de Educação, Minas Gerais, n. 21, p. 40-51, **Set/Out/Nov/Dez. 2002. Pdf**.

GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura**. São Paulo: FTD, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. Lendo mulheres: a literatura de autoria feminina nas salas de aula. Portal Escrevendo o Futuro . 27 de mar. de 2024. Disponível em <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/especiais/849/lendo-mulheres-a-literatura-de-autoria-feminina-nas-salas-de-aula>> Acesso em: 15 de ago. de 2024.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de texto de comunicação**. Editora Cortez. 2004

\_\_\_\_\_, Dominique. **Discurso literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_, Dominique. **A propósito do ethos**. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.) Ethos discursivo. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11-29.

MELO, Edilânia Jany de. **Uma análise discursiva das construções do ethos feminino em Niketche, uma história de poligamia de Paulinia Chiziane**. Monografia submetida à coordenação do curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura da Faculdade Kurios – FAK – núcleo de pós-graduação, pesquisa e extensão. Iguatu - Ceará, p.60. 2018

MINAYO, M. C. de S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. Ciência. saúde coletiva [online]. 2012, vol.17, n.3, pp.621-626. ISSN 1413-8123.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Prof. Dr. Kabengele Munanga (USP)... Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.

OLIVEIRA, Rachel. **O jovem negro e a educação: uma experiência de fortalecimento da auto-estima**. Revista Brasileira de Educação\Número 07\lmpreia.pdf.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?: Feminismos Plurais**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIOS, Flávia, Santos A. M. ,Ratt, Alex. **Dicionário das Relações Étnico-Raciais**

**Contemporâneas** (2023). Ed. Perspectiva.

SALGUEIRO, Maria A. A. **Afro-Brasilidade e Literatura**. UERJ em Questão, Rio de Janeiro, v. VII, n. 74, p. 2, 30 nov. 2001.

SOUZA, Diane Xavier de. **Por uma literatura antirracista: uma análise dos contos “no seu pescoço” e “os casamenteiros” de Chimamanda Ngozi Adichie**. Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 249-262, set-dez. de 2020.

SOUSA, J. A. de, & Brussio, J. C. (2023). **Racismo estrutural no Brasil: a luta por uma sensibilidade do mundo decolonial**. *ODEERE*, 8(1), 264-284. <https://doi.org/10.22481/odeere.v8i1.11658>

SILVA, L. M. (2022). **Gênero, sexualidade e raça: uma análise interseccional**. Revista de Estudos Sociais. <sup>2</sup>: Almeida, S. L. (2019). *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen.